

Muita nobreza daria à terra [de Viana] uma companhia de Carmelitas Descalços, que como soldados e mercadores do céu esforçassem a devoção, fizessem guerra aos vícios e abrissem loja de mercadoria e trato espiritual.

Frei Belchior de SANTA ANA O.C.D. – *Crónica de Carmelitas Descalços particular do Reino de Portugal, e Província de São Felipe*, Tomo I, Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira, 1657.



Boletim de Espiritualidade

16 JULHO 2021 (Extraordinário)
Ano VIII Nº 85

85



400 anos
Convento Nossa
Senhora do Carmo

16 julho 1621/2021



A ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS E OS 400 ANOS DA FUNDAÇÃO DO SEU CONVENTO

Mons. Sebastião Pires Ferreira
Administrador Diocesano de Viana do Castelo

1 Origem da Ordem do Carmo

As origens da Ordem do Carmo estão relacionadas com as peregrinações ocidentais à Terra Santa, com as cruzadas organizadas em defesa dos Lugares Santos, sobretudo após a terceira (1192), bem como com a vida eremítica que se estabeleceu no Monte Carmelo, durante os séculos XI e XII.

O Monte Carmelo, situado na região da Galileia, é um santuário antigo, onde se situa a Gruta do profeta Elias (1Rs. 18, 20-46; 2Rs. 2, 25) e no qual e pelo qual se celebra a beleza de Deus e de Maria (Js, 35, 2).

A organização canónica da Ordem do Carmo é atribuída a Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, que, presumivelmente, também lhe terá preparado, entre os anos 1205 e 1214, uma espécie de Regra, mais tarde, denominada "Regra de Santo Alberto".

Esta Regra reunia os costumes vividos, até então, pelos eremitas do Monte Carmelo que apontavam para uma vida solitária e penitente, dedicada à oração e ao trabalho, dando especial relevo ao culto da Virgem Maria do Monte Carmelo.

Aqui, se comemora o aparecimento de Maria, em 16 de Julho de 1251, a São Simão Stock, a quem, com belas recomendações e graças espirituais lhe ofereceu o escapulário.

Pelo seu carácter fortemente eremítico, estes religiosos, romperam com os princípios da antiga Regra beneditina, sobretudo, no que dizia respeito à vida comunitária.

Quanto à sua existência, sabemos que, aquando do IV Concílio de Latrão (1215) que proibia a erecção canónica de novas Ordens religiosas, os carmelitas tentaram consolidar a sua persistência, argumentando e comprovando que a sua Ordem já existia antes do referido Concílio.

A argumentação dos religiosos fortificou-se quando, a 30 de Janeiro de 1226, o Papa Honório III, pela bula *Ut Vivendi Normam*, aprovou a forma de vida que a Regra de Santo Alberto propunha aos eremitas.

Sabe-se também que esta Regra, usada pelos eremitas/carmelitas, fora confirmada, três anos mais tarde, pelo Papa Gregório IX, em 06 de Abril de 1229, pela bula *Ex Officii Nostri*.

A partir de meados do século XIII, com o agravamento dos conflitos na Palestina, entre cristãos e muçulmanos, os carmelitas viram-se forçados a abandonar a Terra Santa, expandindo-se rapidamente por toda a Europa.

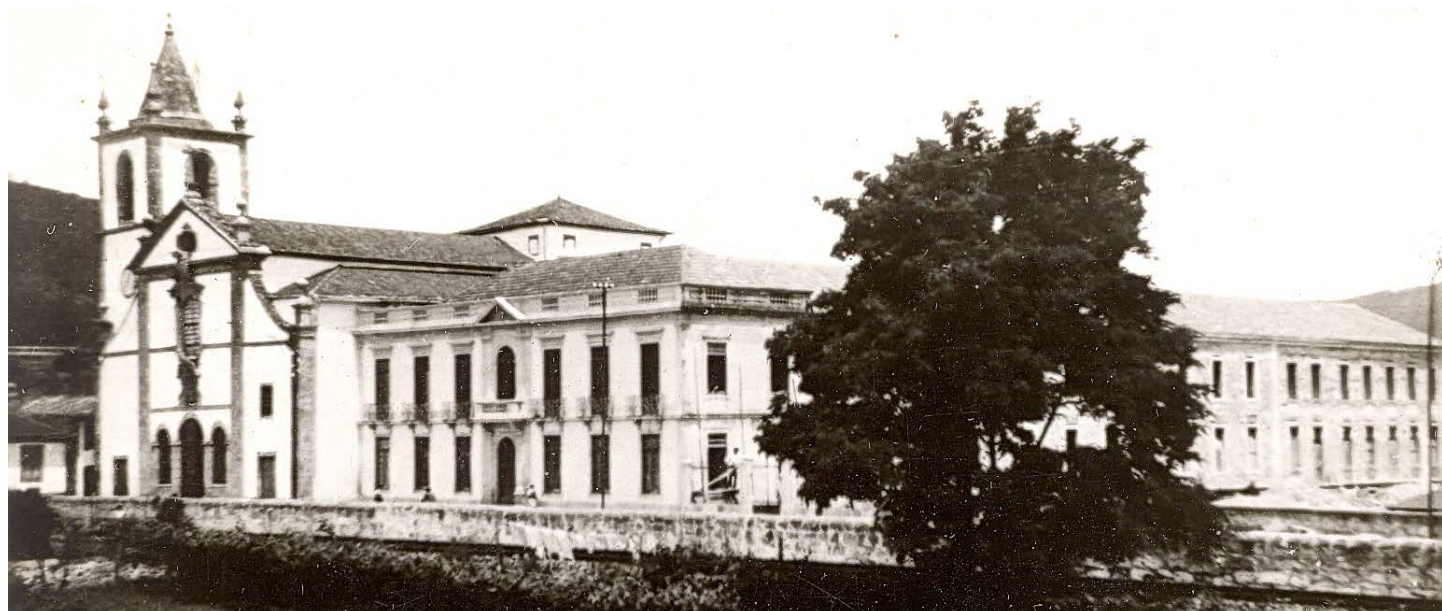
2. Expansão da Ordem na Europa

Ao saírem da Palestina – certamente não todos –, encontraram, com facilidade, acolhimento em Chipre, na Sicília, em França e na Inglaterra. A expansão continuou de acordo com a missão da Igreja: «Ide por todo o mundo ...».

Reunidos em Capítulo Geral, os Carmelitas, tendo modificado e corrigido o texto da Regra de Santo Alberto, a fim de melhor corresponder às novas circunstâncias de vida dos religiosos, rogaram ao Santo Padre a sua aprovação. O Papa Inocêncio IV, promulgou o novo texto da Regra, pela bula *Quae Honorum Conditoris*, de 1247.

A principal mudança dizia respeito à não obrigatoriedade de terem que escolher locais isolados, como até então, para a implantação de novas fundações, bem como à necessidade de lhes ser possível assumir a dimensão de vida activa da Ordem, diminuindo o pendor eremítico e acentuando o cenobítico.

Com este modo de proceder, os Carmelitas aproximavam-se cada vez mais de uma forma de vida mendicante,



ainda que continuassem a manter um fervor marcadamente contemplativo.

A evolução da Ordem, no sentido de uma integração plena nas ordens mendicantes, parece estar concluída no princípio do século XIV. Nesta altura, os Carmelitas já estavam inseridos em todo o tipo de actividades pastorais, como o ensino, a pregação e o serviço em paróquias.

Em 1432, a Ordem carmelita sofreu relevantes alterações, no sentido de mitigar a sua exigência; por isso, a reforma do Carmelo levada a efeito por Santa Teresa de Ávila – e que culminou na separação dos Carmelitas Descalços, em 1580 – retomou a Regra de 1247, considerada mais fiel ao espírito da sua origem.

A Ordem do Carmo, mesmo depois da reforma, acima referida, conservou a Regra segundo a versão de 1432. O Breve de separação dos Carmelitas Descalços foi dado em 1580. Posteriormente, já, no século XV/VI, durante um período conturbado da vida da Ordem, a Regra sofreu novas alterações, tendo em vista uma atenuação das exigências nela prescritas.

As modificações então operadas foram oficializadas pelo Papa Eugénio IV, a 15 de Fevereiro de 1431, através da bula *Romani Pontificis*.

Foi esta Regra mitigada de 1431 que os Carmelitas calçados conservaram, após a separação dos Carmelitas descalços que, de acordo com a reforma proposta por Santa Teresa de Ávila, se propunham retomar a exigência e o rigor da Regra de 1247; no seu entender mais fiel ao que se pretendia viver.

3. A Ordem do Carmo em Portugal

Há dúvidas quanto às datas do aparecimento desta Ordem em Portugal. Alguns autores indicam que teriam iniciado a sua presença em Portugal, no ano 1251, no Convento de Moura. Outros, porém, consideram que os carmelitas só entraram em Portugal, vindos de Espanha, em data subsequente. Sabemos, sim, que a primeira referência documental sobre Moura é de 1354.

Sobre o segundo Convento Carmelita, o de Lisboa, existe muita documentação que certifica a sua fundação, no ano 1386. Este Convento do Carmo em Lisboa deve-se, sobretudo, ao seu fundador e principal benfeitor, D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável do Reino e, hoje, São Nuno de Santa Maria.

A partir daqui, a Ordem Carmelita proliferou, progressivamente, por todo o País, sob a tutela da missão: «Ide por todo o mundo ...».



4. A Ordem dos Carmelitas Descalços em Viana

Pelos documentos que me foram fornecidos, a Ordem dos Carmelitas Descalços também chegou a Viana do Castelo.

A entrada oficial aconteceu no primeiro dia de Julho de 1618, começando a sua vida de comunidade numa casa alugada, situada na Rua da Bandeira, da (agora) cidade de Viana do Castelo. Nesta residência, a Ordem e Comunidade estiveram cerca de sete anos, sob o priorado de Frei António das Chagas.

Entretanto, foram sonhando e trabalhando, em ordem à construção do Convento Carmelitano.

Foram três anos de azáfama e muita luta para que, no dia 16 de Julho do ano de 1621, os heróis pioneiros do trabalho pudessem lançar e, certamente, benzer e, sei lá, beijar, a primeira pedra do Convento de Nossa Senhora do Carmo.

A Festa, certamente foi grande, não só pelo lançamento da primeira pedra, mas também por ser o dia da Senhora do Carmo, sua Padroeira.

Esta, porém, era a primeira de tantas outras que eram necessárias para a arrojada obra em lançamento.

Para as consolidar, muitas coisas mais eram precisas, mas uma era imprescindível e com celeridade, a água.

Também aqui não faltou a engenharia, a arquitectura, a mão de obra e a força anímica interior (Espírito Santo) que faz remover montanhas. Ela estava longe, mas a necessidade urgia. Era necessário um aqueduto para conduzir a água. Ela sorria e escorria, lá em cima, de junto da capela de Santo Eliseu, situada na ladeira do Monte de Santa Luzia. Todavia, era necessário conduzi-la, em moldes de sanidade, isto é, água potável que, servindo o Convento, iria também abastecer um fontanário público.

Foram três anos de trabalho exigente, gastos avultados e desgastantes energias para quem governava o Convento, no triénio 1712-1715, o Reverendo Prior Frei Guilherme de Jesus Maria.

As obras do Convento foram-se desenvolvendo e crescendo, por fora e por dentro, proporcionando a uma Comunidade de servidores da Igreja e ao serviço da sociedade, simples e humildes que, como frades mendicantes, com todos iam partilhando a sua pobreza, sobretudo a sua oração, o testemunho dos seus saberes evangélicos e científicos e a sua exteriorizada alegria, advinda do seu ministério sacerdotal. E o povo estava atento, procurava-os, sentia-se bem apoiado espiritualmente e mostravam-se agradecidos. Com o tempo, o Convento estava na sua fase final de construção.

Lendo as Crónicas da Fundação do Convento, podemos constatar como todos os pormenores da construção e da vida regular dos religiosos, neste novo Convento de Nossa Senhora do Carmo de Viana, reinava um bom ambiente sociológico, tudo seguia bem, até ao tristemente memorável decreto exarado a 26 de Maio de 1834, por Joaquim António de Aguiar, denominado, na história portuguesa, como o “mata-frades”.

Por ele, a Comunidade dos Carmelitas Descalços de Viana do Castelo foi extinta, bem como todas as demais Ordens Religiosas, masculinas e femininas, em Portugal. Aquelas, as femininas, com mais respeito e delicadeza.

O último Irmão, certamente com o coração trespassado por esta espada e o rosto banhado em lágrimas, saiu – com ele, no seu imaginário, seguiam centenas de pessoas que ali viveram santamente – (saiu) a 19 de Junho de 1834.

Com a Exclaustração, o Estado português tomou conta do Edifício Conventual e, por portaria real de 20 de Agosto de 1836, foram cedidos, o uso da igreja e algumas dependências logísticas, à Confraria de Nossa Senhora do Carmo, fundada em 1640 e que, em 1857 foi reconvertida juridicamente na Ordem Terceira do Carmo. O seu primeiro Comissário foi o Padre Frei João de Santa Teresa que, com seriedade, zelo e religiosidade, sempre administrou esta instituição com lealdade e verdade, até ao regresso da Ordem dos Carmelitas Descalços a Viana do Castelo.

5. O Tempo de Provação

Todos os Membros das Ordens Religiosas conhecem no seu ser e no seu agir o “Tempo de Provação”. É o assumir a “Paixão de Cristo”, até que chegue o “3.º Dia”: «A Ressurreição».

Decorrido esse tempo penitencial em que as instalações conventuais estiveram, sob a tutela do Estado, ao abandono, ocupadas, episodicamente, por um grupo de Salesianos. Posteriormente, após a implantação da República portuguesa, sob a tutela da Câmara Municipal, tornadas quartel de soldados em preparação para serem enviadas a intervir na 1.ª Guerra Mundial. Subsequentemente, transformadas em Escola pública, (escola) ainda na memória do Frei Manuel Vaz Brito.

Entretanto, estava prestes o raiar da aurora dos novos dias.

Em 16 de Julho de 1931, Frei José Rodrigues Mañaricúa veio a Viana por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo, a convite da Ordem Terceira do Carmo. Esta instituição manifestou o desejo de ver novamente o Convento do Carmo habitado pelos descendentes dos seus fundadores, oferecendo-lhe a igreja e os compartimentos logísticos que possuíam, para residência da nova Comunidade.

Frei Angelo Jauregui ficou com o encargo de tratar dos trâmites burocráticos canónico/jurídicos para a reinstalação da Ordem dos Carmelitas Descalços, em Viana do Castelo.



Canonicamente, recorreu-se à Cúria Arquiepiscopal Bracarense, em 05 de Junho de 1932, solicitando a devida autorização para a implantação de uma nova Comunidade de carmelitas, na arquidiocese. O pedido foi deferido pelo Senhor Arcebispo Primaz, D. Manuel Vieira de Matos, no dia 07 de Junho de 1932.

A 13 de Junho, chegava a Viana do Castelo, Frei José Rodrigues Mañaricúa, vindo de Elvas, para tomar a seu encargo a igreja do Carmo e o seu atinente património logístico.

As ruínas do Convento e os terrenos que faziam confrontação foram comprados por Frei José Rodrigues Mañaricúa à Câmara Municipal.

Depois desta aquisição, Frei José decidiu restaurar o Convento e construir o Seminário Missionário Carmelitano.

As obras do restauro do Convento e a nova obra da construção do Seminário Missionário, tudo saído de escombros e sob a comparticipação de todos os Conventos Carmelitas de Portugal foram o sinal da “Ressurreição” da Ordem dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo; pela construção do Seminário Missionário Carmelitano iniciada em Março de 1951, a “Ressurreição” da Ordem do Carmo para Portugal e, pela Acção Missionária Carmelitana, *Ad Gentes*, a “Ressurreição” da Ordem do Carmo para o Mundo Missionário.

6. Honra ao Mérito

O Frei José Rodrigues Mañaricúa, ao terminar o seu triénio como Delegado Provincial da Ordem, ainda viu as obras de recuperação e de novas construções bastante adiantadas. O seu sucessor, Frei Isidoro Maguna continuou-as com o mesmo empenho e celeridade, tendo a felicidade de as ver concluídas e, já, a funcionar como, em Novembro de 1953, o Seminário Missionário com 70 alunos, no primeiro ano.

Com a afluência de vocações ao Carmelo Descalço, o Seminário tornou-se pequeno e teve várias ampliações, nas suas alas residenciais, voltadas, respectivamente, à *Papanata* e à Rua da Bandeira. A sua Inauguração oficial aconteceu no dia 03 de Janeiro de 1954.

Passados mais 30 anos, este Seminário voltou a receber beneficiações e crescimento. Assim, no dia 13 de Novembro de 1999, foram inauguradas as mais recentes obras, com as presenças do então Bispo da Diocese de Viana do Castelo, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Armindo Lopes Coelho, e os Excelentíssimos Senhores Governador Civil e Presidente da Câmara, ambos de Viana do Castelo.

7. *Laudemus Viros Gloriosos, et parentes nostros in generatione sua (Sir (Ecli) 44, 1-2)*

Sim, celebremos em FESTA os 400 anos da fundação do convento da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Viana do Castelo e os 70 anos da fundação e exercício do seu Seminário Missionário Carmelitano. Sintamos e manifestemos o júbilo.

Lembremos e glorifiquemos essas gerações seculares de Superiores/Mestres Gerais, de Provinciais e Delegados, de Piores e Sacerdotes, de Leigos e Santos que, para além do sonho, deram a alma e o corpo por esta entusiástica e evangélica causa Missionária.

Curvo-me e, como Administrador Diocesano desta Diocese de Viana do Castelo, peço a todos os meus diocesanos que comigo façam o mesmo – fomos os mais beneficiados, nós e os nossos antepassados, com o seu ministério e com o seu magistério – curve-mo-nos, em preito de gratidão, perante esta plêiade de Pessoas e de Causas, de Homens Ilustres e Vir-

tuosos, «cujas obras justas não ficaram esquecidas».

Na esteira destes Santos Religiosos Carmelitas Descalços, revistemo-nos com o Escapulário carmelita e confiantes na proteção de Nossa Senhora do Carmo, subamos todos ao Monte Carmelo – DEUS! – e deixemo-nos inebriar pela Sua Beleza.

UM SONHO COM 400 ANOS

Frei Pedro Lourenço Ferreira, OCD
Provincial da Ordem dos Carmelitas Descalços

Toda a família tem a sua história e nós, Ordem dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo, não somos exceção. No dia 16 de julho do ano 2021 ocorrem os quatrocentos anos da presença dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo dia e ano do lançamento da primeira pedra do Convento de Nossa Senhora do Carmo. Neste ano também celebramos e recordamos os setenta anos do início da construção do Seminário Carmelitano Missionário, ocorrido em março de 1951.

As efemérides convidam-nos a rever o passado e a prestar sentida homenagem a todos aqueles que nos precederam nesta história e que sucumbiram no caminho, como laboriosos operários destas obras que, apesar das incertezas que passaram, lograram nesta cidade do Alto Minho levar a porto seguro estes sonhos.

No primeiro dia de julho de 1618 os Carmelitas Descalços começaram a vida regular numas casas alugadas na Rua da Bandeira. Aqui viveram perto de sete anos passando depois para o atual convento, sendo prior o Padre Frei António das Chagas.

Numa comunidade, tão simples e tão humilde, os gastos mais avultados realizavam-se em obras de manutenção, ampliação e melhoramento do convento e da igreja. Mas não podemos esquecer outras obras de referência, realizadas por esta comunidade, como o aqueduto, começado a construir no triénio do Padre Frei Guilherme de Jesus Maria, entre os anos 1712-1715 e que, desde a capela de Santo Eliseu, sita na ladeira de Santa Luzia, trazia a água para o convento e o fontanário público do Carmo que a comunidade abriu, juntamente com a Câmara, em 1713, junto à linha do caminho de ferro fazendo esquina com a Rua da Bandeira e que atualmente se encontra nas traseiras do Templo de Santa Luzia.

Outro gasto digno de ser mencionado é a compra de livros para a Biblioteca conventual para o uso no Colégio de Teologia Moral e Colégio de coristas, mas também para o ensino à população de Viana, reconhecido pelas próprias instituições civis vianenses.

Lendo as Crónicas da Fundação do convento, podemos seguir os passos e pormenores da construção e ter uma ideia da vida regular, dos religiosos no Carmo de Viana até ao decreto exarado a 26 de maio de 1834 por Joaquim António de Aguiar. Por ele, a comunidade dos Carmelitas Descalços de Viana do Castelo foi extinta, bem como as demais Ordens Religiosas, em Portugal tendo



acontecido a saída do último irmão do convento no dia 19 de junho desse ano.

Com a exclausuração, o Estado tomou conta do Edifício Conventual e, por portaria real de 20 de agosto de 1836, foi cedido o uso da igreja e algumas dependências à Confraria de Nossa Senhora do Carmo fundada em 1640 e que em 1857 passou a Ordem Terceira do Carmo, tendo como primeiro comissário o Padre Frei João de Santa Teresa, que muito bem a administrou até ao regresso da Ordem dos Carmelitas Descalços a Viana do Castelo.

A partir daquela data, a Ordem Terceira do Carmo assumiu, segundo as suas capacidades e possibilidades a proteção e valorização do património material e espiritual que lhe fora transmitido pelos Carmelitas Descalços no ano da sua fundação.

Mais tarde, a 13 de fevereiro de 1901, uma parte do convento foi ocupado pelos salesianos, que contudo, tiveram que sair depois de proclamada a República de 1910. Foi no tempo dos salesianos que se fez a fachada nova do seminário.

Depois da República, o convento passou a propriedade da Câmara. Por aqui estacionaram os soldados, em tempo de espera, para se dirigirem para a Primeira Guerra Mundial. Aqui também funcionou, durante alguns anos a escola pública, no que é atualmente a Biblioteca. Desta escola ainda se lembra o carmelita vianense Padre Frei Manuel Vaz de Brito, pois a frequentou na sua infância.

Em 16 julho de 1931, o padre Frei José Rodrigues Mañaricúa veio a Viana por ocasião da festa de Nossa Senhora do Carmo, a convite da Ordem Terceira do Carmo que lhe manifestou o seu desejo de ver novamente o convento do Carmo habitado pelos seus fundadores, oferecendo-lhe a Igreja e as dependências que tinham para residência da comunidade. O padre frei Angelo Jauregui ficou responsável por tratar dos trâmites para o estabelecimento da Ordem dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo. Solicitou-se, a 5 de junho de 1932, a necessária licença ao Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, cuja resposta favorável chegou a 7 de julho de 1932.

A 13 de junho chegava a Viana do Castelo o padre Frei José Rodrigues Mañaricúa procedente de Elvas, para tomar a seu encargo a igreja do Carmo e suas dependências.

As ruínas do Convento e os terrenos que faziam confrontação foram comprados pelo padre Frei José Rodrigues Mañaricúa. Depois de os adquirir decidiu restaurar o convento e construir aí o Seminário Missionário Carmelitano, que seria o futuro da Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal, com participação de todos os Conventos Carmelitas de Portugal. Começadas as obras em março de 1951, o Padre Frei José Rodrigues Mañaricúa ainda as viu bastante adiantadas ao acabar o seu triénio como Delegado Provincial. O seu sucessor, o Padre Frei Isidoro Maguna continuou-as e teve a felicidade de as ver concluídas e a funcionar como seminário

em novembro de 1953, com 70 alunos no primeiro ano. A inauguração oficial aconteceu no dia 3 de janeiro de 1954. Com o afluir de vocações ao Carmelo Descalço o seminário tornou-se pequeno e a 7 de junho de 1955 deu-se início ao prolongamento da ala sul, virada para a estrada da *Papanata*, ficando então com 96 metros de comprimento. Além disso, foi contruído um andar sobre o alpendre contíguo à Rua da Bandeira, de uns 50 metros de comprimento, ficando essas obras concluídas em abril de 1956. O Governo português concedeu um generoso subsídio, comparticipando com 30% nas despesas das obras realizadas. Também foi comprado um terreno para uma pequena horta que a comunidade ainda dispõe. O Seminário Missionário Carmelitano esteve, durante muitos anos, destinado aos cursos geral e complementar dos Liceus.

Passados mais de 30 anos, o Seminário Missionário Carmelitano voltou a receber obras de renovação para oferecer melhores condições. No dia 13 de novembro de 1993 foram inauguradas as obras mais recentes, com a presença do senhor Bispo da Diocese, D. Armino Lopes Coelho, do Governador Civil e Presidente da Câmara.

Este ano comemoramos, portanto, os 400 anos do lançamento da primeira pedra do Convento e 70 anos da construção do Seminário Missionário Carmelitano. É, por isso, com alegria que celebramos os sonhos e depositamos as melhores esperanças num futuro próspero, tendo em conta os desafios que nos esperam.

A VIDA REGULAR NO CARMO DE VIANA DO CASTELO

Frei Agostinho Castro, OCD
Convento do Carmo de Viana

Como viviam os Carmelitas Descalços há 400 anos, no Carmo de Viana? Qual era o seu estilo de vida? Pelas crónicas da fundação podemos reconstruir o estilo de vida que, aqui era levado. À época valorizava-se em muito o fiel cumprimento da observância regular, isto é, da fidelidade estreita aos mandamentos da Regra de Vida, das Constituições, Costumes Santos, mandatos dos Piores e do horário Conventual. Era prestigiante para um religioso podá-lo de observante, isto é, que acudia com pontualidade a todos os actos comuns, assinalados no horário.

A tipologia fundacional dos Carmelitas Descalços distribuía-se por noviciados, hospícios, colégios, conventos e desertos. Viana do Castelo foi fundado com a tipologia de Convento passando pouco depois para Colégio, isto é, Colégio de Teologia Moral. Os Colégios em relação aos Conventos eram ainda favorecidos com uma exceção: estavam dispensados de rezar matinas à meia-noite, pelo que haveriam de rezá-las a hora mais conveniente.

Além da igreja e do coro, a portaria era fulcral no convento, razão pela qual cada Prior fazia eleger um porteiro da sua confiança, para atendimento tanto de pobres (para distribuir esmola), como dos benfeitores (para as recolher). Em Viana, como nos demais conventos do Carmo, era habitual o atendimento aos enfermos e moribundos, a dedicação à direcção espiritual e à pregação



(fora da própria igreja), à celebração dos sacramentos, com especial relevo para a dedicação à confissão.

Servindo-nos das Constituições em uso à época, sabemos que a partir da profissão religiosa o frade era consciente da finalidade da vida que o esperava no convento. Para concretizar, encarnar, o carisma, no século dezassete, o Carmelita Descalço necessitava de uma vida de grande solidão e de rigoroso silêncio para viver em obséquio de Jesus Cristo, na radicalidade dos votos.

A vida no claustro carmelitano, girava à volta da oração, tanto litúrgica como pessoal marcada ao longo do dia, no Convento pelo soar das sinetas. De facto, o cuidado pela fidelidade em cantar os louvores ao Senhor, era muito grande. A liturgia das horas, breviário, e as duas horas de oração mental, uma ao início do dia e outra ao fim, eram pontos basilares, fundamentais, no quotidiano conventual.

Às cinco da manhã iniciava o dia no convento junto do Senhor com uma hora de oração mental, a sós com Deus; seguia-se a oração de Laudes (louvor), Eucaristia e Horas Menores; feitas as contas, apenas pela manhã, somamos quase três horas de oração. Ao cair da tarde, a oração de Vésperas, seguidas de uma hora de oração mental e completas, como última hora de oração, somamos quase duas horas. Assim sendo, cinco horas do dia no convento eram destinadas ao encontro com o Senhor na oração. Mas havia também outros momentos importantes, como as refeições e os recreios em comum. Depois a pregação, as confissões, o acompanhamento espiritual, faziam parte da vida conventual.

As refeições em comum eram em silêncio. Os religiosos dirigiam-se para o refeitório e a mesa era abençoada pelo hebdomadário de turno, o servente trazia a comida e ia passando para que cada religioso se servisse moderadamente e chegasse para todos. Estava proibido pela Regra, como sabemos, o consumo de carne. Apenas os doentes e os missionários em viagens marítimas, eram dispensados.

Na comunidade dava-se também valor aos momentos de recreio em comum, depois das refeições, com uma

hora de duração aproximadamente, não opcional, mas obrigatório. Deste modo a comunidade podia usufruir de um tempo para confraternizar, conversar sobre assuntos relacionados com a vida conventual. Por vezes até em forma de colação espiritual ou formativa.

Semanalmente o capítulo conventual, como prática espiritual, formativa, assumia especial relevo porque servia também para correção fraterna. Cada religioso acusava-se das faltas mais notórias cometidas durante a semana, como por exemplo, se partiu algum objeto ou faltou ao silêncio sem necessidade, etc. Seguidamente o Prior alertava para alguns pontos menos conseguidos no exercício dos ofícios distribuídos por cada religioso e corrigia determinadas atitudes, menos edificantes na relação fraterna. Cultivava-se com esmero a jornada de retiro espiritual mensal e exigia-se o retiro anual canónico, como forma de formação espiritual.

O ano dividia-se em duas partes diferenciadas: a primeira contava-se desde a Festa da Exaltação da Santa Cruz, 14 de setembro, até à Festa da Páscoa da Ressurreição. Durante este tempo, muito rico espiritualmente, os religiosos renovavam os votos e intensificavam outras virtudes espirituais e até se exercitavam em fazer outras e variadas formas de penitência, recomendadas pela Igreja, pela Regra e Constituições. A segunda parte, incluía o Tempo Pascal vivido com renovada alegria quer na liturgia, quer no convívio fraterno.

Todo edifício do convento nestes 400 anos com o seu quintal, igreja e claustro esteve sempre orientado para se viver em plenitude e na alegria a vida humana, cultural e espiritual.

RECONSTRUINDO MEMÓRIAS DOS BELOS ANOS 60 A 80 NO SEMINÁRIO DO CARMO DE VIANA DO CASTELO

Frei Carlos Gonçalves, OCD
Convento Stella Maris – Porto

As histórias são como habitáculos. Vivemos *na, pela, e através* de histórias que contamos e recontamos para viabilizarmos a nossa própria história de vida. A história cria e recria as nossas vidas, une-nos e separa-nos, constituindo-nos em pessoas únicas e irrepetíveis. Somos impregnados pelas histórias significativas e marcantes dos contextos que partilhamos: família, escola, grupo de amigos, comunidades e lugares que habitamos. Este envolvimento na e com a história é especialmente importante para sermos e nos sentirmos plenamente. Somos, cada um de nós, os lugares que habitamos, as pessoas com quem convivemos, as experiências significativas que nos impregnaram e organizaram.

Porque estou convicto que a história cria e recria a vida; porque a história que hoje me viabiliza está impregnada de histórias contextualizadas no tempo e no espaço, especificamente no Seminário do Carmo de Viana do Castelo, aceitei o desafio proposto pela organização dos 400 anos da presença dos Carmelitas no Carmo de Viana do Castelo para colaborar na reconstrução das histórias vivi-

das no Seminário do Carmo nos ditos anos 60, como aluno, e nos anos 80 como Diretor do Seminário.

1. A experiência histórica no Seminário do Carmo nos ditos anos 60 e 70

Em 28 de Setembro de 1965 tive a ousadia, com apenas 10 anos, de deixar a minha aldeia do nordeste transmontano: Ervedosa/Vinhais para ir estudar para o Seminário Carmelitano Missionário do Carmo em Viana do Castelo, sem o apoio dos meus pais. Num tempo em que estudar era privilégio de poucos, o Carlos vê cumprir-se o sonho de prosseguir os estudos ao ser alvo de uma casual (!?) interpelação do meu Pároco: *“Tenho aqui uma carta de uns Frades Carmelitas, que não conheço, a solicitar que lhes indique nomes de meninos que queiram ir para o seminário. Queres ir?”*. O Carlos não pensa duas vezes, mesmo que nunca tenha colocado a possibilidade vocacional de ser padre/frade, vê nesta carta a possibilidade de cumprir o



seu sonho: estudar! Com apenas 10 anos e sem nunca ter saído da terra que o vira nascer, pega na mala (maior do que ele!) deixando a família de origem constituída pelos seus pais e 3 irmãs. O pai acompanhou-o até Viana do Castelo, embora em desacordo com a decisão do filho, numa longa viagem de quase 2 dias; estávamos ainda longe do tempo das auto-estradas!

No seminário de Viana, era apenas mais um, o mais pequeno dos 180 seminaristas! Por isso, os colegas me chamavam o "Carlos pequeno". Mas fui-me integrando num grupo muito diversificado, com o apoio dos formadores e professores, na sua maioria naturais do País Basco/Espanha, que tinham dificuldade em falar Português, expressando-se em "*portunhol*". Embora não tivessem formação em psicopedagogia eram excelentes formadores pela relação próxima que estabeleciam com os seminaristas, apesar de sermos um grupo massificado com diferentes idades, entre os 10 e os 16 anos, do 1º ao 5º ano do liceu, com aulas internas no Seminário, lecionadas pela comunidade dos Padres Carmelitas da comunidade formativa e alguns leigos professores convidados.

O dia a dia no Seminário era ocupado sobretudo com as aulas, estudo, momentos de prática desportiva (futebol, pelota basca, ping-pong, jogos de mesa...), um são convívio fraterno entre grupos, momentos de formação na vida espiritual, eucaristia e oração diárias e os passeios às 5ª feiras e aos Domingos à tarde. Quinzenalmente, aos domingos à tarde, assistíamos aos jogos do Sport Club Vianense, na condição de sócios coletivos. Aos Domingos, o grupo dos seminaristas e sacerdotes da comunidade animavam solenemente, com o cântico gregoriano, desde o Coro, a eucaristia das 10 horas aberta ao Povo de Deus que frequentava a nossa Igreja do Carmo.

Em 1970, já um adolescente irrequieto e questionador, reflexo dos turbulentos e apaixonados anos 60 da luta pelos valores da democracia, dos Beatles e do Maio 68, prolonga-se a estadia no Seminário do Carmo até ao 7º ano do Liceu (conclusão do atual Ensino Secundário) sendo integrados na equipa formativa jovens sacerdotes



portugueses, recém formados em Espanha, Vitória e Bilbao. Assim, embora o número de seminaristas comece a decrescer progressivamente, há uma maior diversidade de idades, aumentando o grupo da faixa etária dos 16 aos 18 anos, com a continuidade dos seminaristas do 6º e 7º ano do Liceu.

Nesta altura, embora com aulas internas no Seminário, realizávamos exames nacionais de equivalência de conclusão do 5º ano (atual 9º ano de escolaridade) e do 7º ano (atual 12º ano) no Liceu Nacional de Viana do Castelo. O meu grupo foi o pioneiro a realizar esta nova experiência.

Após a conclusão do 7º ano do Liceu, dos 28 colegas que concluíram o Ensino Liceal, apenas 5 optaram ingressar no noviciado em Fátima no ano 1972/73, dos quais 4 realizaram a profissão solene e a ordenação sacerdotal: Alpoim, David, Carlos e Manuel. São os caminhos surpreendentes do Senhor!

2. Memórias dos 80 no Carmo VC (1981-1987)

Em Setembro de 1981, no 1º Capítulo Provincial da recém fundada Província Portuguesa OCD, fui nomeado

Diretor do Seminário do Carmo de Viana do Castelo, com apenas 26 anos de idade e menos de dois de sacerdócio, então membro na comunidade do Convento de Avesadas, a minha 1ª comunidade após a conclusão da Licenciatura em Teologia na Universidade Pontifícia de Salamanca no ano letivo 1976/77.

O meu regresso a Viana do Castelo, 10 anos depois, foi uma experiência imprevisível e desafiante: assumir, como jovem religioso e sacerdote, a missão de Diretor do Seminário do Carmo, em tempos de grande transformação política, social e eclesial (anos turbulentos após a revolução de Abril), em plena revisão estruturante do Sistema Educativo Português, apresentando um projeto alternativo de educação e formação para responder às exigências dos adolescentes e das suas famílias de origem.

Desde 1973/74, os nossos alunos do seminário (do 3º ao 7º ano liceal) começaram a frequentar as aulas no Liceu Nacional de Viana do Castelo.

Quando em 1981 assumi a Direção do Seminário do Carmo, estávamos em plena revisão o Sistema Educativo Português, pós 25 de Abril, registando-se uma nova reorganização da estrutura de educação. Com encerramento do seminário do Ensino Preparatório (1º e 2º ano) em Avesadas em 1977/78, estes alunos foram integrados no Seminário de Viana do Castelo, inscritos na Escola Preparatória de Frei Bartolomeu do Mártires. Os alunos do Secundário (10º e 12º anos) foram transferidos para a comunidade de Fátima, em ordem a terem um acompanhamento mais pessoal respondendo às necessidades do seu desenvolvimento e prepará-los para uma eventual entrada no noviciado.

Nestes tempos, a procura e motivação do Seminário começou a decrescer progressivamente, pelo aumento progressivo da oferta da escola pública, ao longo da década de 80, fruto das novas políticas educativas, visando oferecer a possibilidade de acesso ao ensino a todos os cidadãos. Se no passado a motivação fundamental de ingresso no seminário era a possibilidade de prosseguir estudos, face à ausência da oferta pública, durante a década de 80 e 90, as motivações fundamentais dos pais na procura do seminário era o insucesso escolar na escola pública, o não terem competências para acompanharem os filhos por falta de formação e os filhos de pais emigrantes.

Assim, nos 6 anos de diretor, o número de estudantes inscritos no Seminário do Carmo, foi decrescendo progressivamente: do total dos 52 alunos (desde o ciclo preparatório até ao 9º ano de escolaridade) no ano letivo 1981/82, em 1987 eram apenas 36 estudantes, notando-se uma quebra sobretudo dos estudantes mais novos do ciclo preparatório, compreensível pelo decréscimo da natalidade e a dificuldade dos pais se desvincularem dos filhos, quando ainda crianças. Por isso, progressivamente fomos circunscrevendo o ingresso no Seminário, a partir do 7º ano de escolaridade.

Esta experiência na década de 80 como Diretor no Seminário do Carmo de Viana do Castelo foi um grande desafio, porque tive que ousar transformar as práticas pedagógicas do dia a dia do Seminário na abertura à comunidade, especificamente aos alunos da ES de Santa Maria Maior, autorizando os nossos seminaristas a trazer



os colegas para os espaços desportivos do Seminário. E ainda, a aproximação e participação dos pais na dinâmica do Seminário, permitindo que os seminaristas quinzenalmente fossem passar o fim de semana com as famílias.

Durante estes seis anos de formador lecionava simultaneamente aulas de Religião e Moral na Escola Secundária de Santa Maria Maior aos alunos do 9º ano e do Ensino Secundário inscritos na disciplina. Foi uma experiência relevante de presença eclesial carmelitana no contexto educativo onde os nossos seminaristas estudavam, acompanhando-os no seu dia a dia, e simultaneamente, passando o meu testemunho cristão, como jovem sacerdote e professor, às gerações mais jovens desafiando-as ao compromisso e ao envolvimento nas suas comunidades cristãs.

Reconheço que esta experiência de educador e professor no Seminário do Carmo e na Escola Secundária de Santa Maria Maior foi de grande relevância no investimento no curso de Psicologia, a que me candidatei, quando fui transferido em 1987 para a Comunidade dos Carmelitas no Porto, como Mestre de formação dos jovens professores carmelitas a frequentarem o curso de Teologia na UCP.

Esta é uma breve resenha da minha experiência de passagem pelo Seminário Carmelitano de Viana do Castelo, em diferentes momentos históricos e com missões diferenciadas. Por isso, termino como iniciava esta minha partilha: sou fruto das histórias significativas e marcantes que fui experienciando nos contextos em que vivi ao longo da minha vida! O Seminário do Carmo de Viana do Castelo foi um dos contextos mais significativo e organizador, como pessoa, cidadão e cristão. Por isso, continuará sempre presente nas minhas Memórias.

SOBRE A FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO, EM VIANA, “ILUSTRE VILA”

Adosinda Bacelar

Professora de Língua e literatura Portuguesa

Comunidade do Carmo de Viana

(In “Livro das Crónicas da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo, tomo I- 1581- 1628, capítulos X e XI, de Frei Belchior de Santa Ana)

“Este zelo do aumento da província era causa de andar contentíssimo (o Padre Provincial Frei Martinho), apressando-se a fundar, na ilustre vila de Viana, uma casa cuja primeira pedra foi lançada no dia de Nossa Senhora do Carmo, 16 de julho de 1621”.

É deste modo que o autor da Crónica regista o acontecimento de tão grande importância para as partes: Ordem e Cidade.

Reza o texto que, no Capítulo de 5 de maio de 1618, no Convento de Lisboa, o ambiente era tão admiravelmente calmo e pacífico que só poderia ser o Deus da paz a derramar sobre todos os capitulares ali reunidos o Seu exemplo unificador. As eleições decorrem, por isso, exemplarmente para grande satisfação do Padre Provincial, zelador extremoso do bem das suas casas. Particularmente, nesse tempo, a sua felicidade vinha do projeto de fundar a casa de Viana, local onde, desde 314 A.C. havia notícia de uma que, com todas as convulsões na Península, se perdera, tendo-a recuperado D. Afonso III, situando-a “onde hoje está”, diz o cronista: na terra de “excelentes talentos (...) de ciências e de letras”, de “habitantes de ânimos generosos para as armas e (...) mercancia”, terra “avantajada a muitas vilas das famosas do reino” cuja “nobreza dos moradores dos melhores apelidos de Portugal”, na “honra mais que liberais”, “animosos, briosos, sisudos e amigos do bem comum”... E o elogio não se fica por aqui, reforça-o, referindo-se a Viana como (vila) “maior que todas em riquezas grangeadas no comércio do Brasil, Guiné, Angola e Ilhas” efetuado com recurso a navios cujos armadores e tripulação, oriundos da mesma, contribuem generosamente para o bem local.

Ainda se escutava o respirar dos padres no Capítulo, em Lisboa, e já Frei António do Santíssimo Sacramento e Frei Paulo da Trindade, escolhidos pelas suas qualidades de “cautela e manha”, necessárias à empreitada nos tempos que corriam, rumavam ao Porto onde o governador e benfeitor Diogo Lopes de Sousa, homem de “muita indústria e discrição” os recebeu e aconselhou bem: só partiriam para Viana depois de concedida a licença camarária; quanto ao resto, ele mexeria os cordelinhos... E mexeu. E bem. Apesar dos obstáculos, a sua capacidade argumentativa levou a melhor. Astuto, lançou em defesa os interesses superiores que a vila alcançaria tendo ao seu serviço “uma Companhia de Carmelitas Descalços que, como soldados e mercadores do céu esforçassem a devoção” granjeando, nesta terra de mercadores, comércio espiritual.

Em 27 de junho do mesmo ano, a vila festejou a concessão da licença. Vieram os frades que foram recebi-



dos e acomodados em casa de “gente ilustre”. Em troca, pediram-lhes “doutrina pública todos os domingos da Quaresma e do Advento” o que não só foi aceite como excedido já que se disponibilizaram os religiosos para pregar, na matriz, nas festas que não aos domingos.

O Convento é fundado no dia 1 de julho, designado de Nossa Senhora do Carmo, em honra da qual “havia já na vila uma capela onde a devoção era muita”. Foi instalado numas casas “na rua da Bandeira para a parte da serra, pouco distantes onde ele fica hoje”.

E o relato do cronista prossegue com a descrição pormenorizada das obras necessárias à adaptação das ditas casas a Convento com lugar para culto e acomodação dos religiosos. Tudo “estrito e pobre” dado que as casas tinham sido morada de um sapateiro pobre e de uma viúva “tão rica como ele” ...Urgia, por isso, pensar em edificar um Convento a sério. Como acontece em assuntos desta natureza, muitos foram os pareceres e até ofertas. Mas foi o dos “Mendonças” o vencedor. O “tracista”, Irmão Frei Alberto.

No dia da padroeira, 16 de julho de 1621, foi lançada a primeira pedra. Um ano depois, havia alicerçado “sete celas do dormitório grande pela parte que cai para o rio”, “três celas do quarto do meio dia” tendo-se gasto oitocentos mil réis angariados em donativos do prior de Lisboa – padre geral –, esmolas e missas quotidianas das casas da província. Com outros donativos da câmara, benfeitores e esmolas prossegue a edificação e o dia 8 de maio de 1625, Ascensão do Senhor, é também dia de mudança dos religiosos para um lugar mais cómodo onde já contavam com 19 celas, rouparia, varanda, chaminé e “outras oficinas” necessárias, bem como Igreja e refeitório.

Muito generosos, os vianenses ajudaram. E foi já no dia do Santo Profeta Elias, a 20 de julho de 1647, que a Igreja ficou digna de albergar o Santíssimo Sacramento.

No capítulo XI, intitulado “Do fervoroso exercício das virtudes que houve sempre no Convento de Viana e do

grande crédito e dos benfeitores que ele teve em todo o tempo”, somos convidados a entrar na intimidade /religiosidade da vida conventual dos carmelitas descalços em Viana.

Desde logo percebemos a observância escrupulosa dos seus rigorosos princípios de que davam exemplo à comunidade. E de tal maneira isso sobressaía que, não só ela mas também gente de terras vizinhas, via nas deles “vidas de santos”, equiparando-as às vidas dos monges de tempos da primitiva igreja. O crédito e a estima por estes frades crescia. Assinalavam-lhes o recolhimento, a modéstia, a moderação, a intimidade da sua vida com Deus. Contudo, obediência é a palavra que melhor os caracteriza, entendendo esta virtude com fundamento exclusivo na fé, sem interferência da razão: as ordens vindas dos superiores são divinas, provenientes do amor e sabedoria divinos e, por isso, inquestionáveis. Além disso, entreajudavam-se em todos os trabalhos por muito diversas que fossem as personalidades, gostos ou cargos de cada um.

O sentimento de caridade para com o próximo, não só com o irmão conventual mas com o da comunidade, era visível, sobretudo em situações de enfermidade, visitando e aliviando os doentes com a sua palavra, mesmo em casos de mal contagioso, correndo risco de vida.

Todas estas virtudes eram fruto do amor de Deus com que alimentavam as horas – muitas – de oração mental, de dia e de noite, o que faziam pronta e diligentemente; o mesmo amor manifestava-se também nas mortificações frequentes, na humildade com que se entregavam às tarefas menores, na muita penitência, jejuns, privação do sono... E, apesar disto tudo, sempre achavam que era de menos...

Esta vida de devoção e amor ao próximo era tão notória na comunidade que, breve, suscitou “provocações”. Diz curiosamente o cronista: “raivoso o dragão infernal

contra os que via perfeitos...” e apresenta, como exemplo, três episódios de ofensas à comunidade dos frades, em todos eles sobressaindo a rara paciência, o “ânimo quieto” com que enfrentavam as situações adversas, a humildade, a discrição e, também por isso, muitos benfeitores teve este “mosteiro” porque era imperativo igualar em esmolas a boa opinião sobre estes religiosos.

Ao terminar esta resenha que fiz da leitura da crónica de Frei Belchior de Santa Ana, na parte relativa à fundação do Convento do Carmo de Viana do Castelo, confesso que me recordei do “Memorial do Convento”, de J. Saramago. Numa das muitas páginas bonitas do livro, há aquela em que, numa espécie de dedicatória ao herói coletivo da obra, o autor imortaliza, num percurso alfabético homónimo simbólico, as vidas dos que por ela teriam passado, anónimos. No caso desta, deve ter havido muitos não referenciados, certamente. Mas justo é que aqui fiquem, para a posteridade, pelo menos os nomes daqueles, religiosos carmelitas ou leigos, que Frei Belchior de Santa Ana incluiu, porventura intencionalmente, nestes capítulos e que muito contribuíram para a existência desta instituição de referência na cidade:

Frei AlbertoÁlvaro Soares Pereira
Frei André da Anunciação.....Diogo Lopes de Sousa
Frei António das ChagasFrancisco Jácome Lago
Frei António do SS. Sacramento...Gaspar Caminha Rego
Frei Batista da Trindade Gonçalo Fagundes
Frei Domingos E. SantoJosé de Brito Castelo Branco
Frei José de Santa Teresa Manuel Jácome Bravo
Frei Manuel da Anunciação Miguel Rocha
Frei Paulo da TrindadeMadres de S. Bento e S.^{ta} Ana
Frei Pedro da Purificação
Frei Rodrigo da Encarnação
Frei Simão dos Anjos
aos quais “confessamos mil obrigações”, como assinala o cronista.

O CONVENTO DO CARMO DE VIANA DO CASTELO E O SEU AQUEDUTO

Frei Marco Caldas, OCD
Convento do Carmo Viana

Frei Belchior de Santa Ana, no I Tomo das *Cronicas da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo*, diz-nos que a fundação da Ordem dos Carmelitas Descalços em Viana do Castelo remonta a 1 de julho de 1618, sediada inicialmente numas casas situadas na Rua da Bandeira doadas por Francisco Jácome do Lago aos Carmelitas Descalços com o objetivo de serem adaptadas a convento. A pequenez das instalações levou a que se pensasse, desde cedo, num convento a sério noutra local.

Frei António das Chagas chamou Frei Alberto da Virgem, tracista conceituado da Ordem, o qual, perante várias possibilidades de opções, decidiu pelas casas adquiridas aos Mendonça. Prontamente se mandaram abrir os alicerces sendo lançada a primeira pedra do novo

convento em 16 de julho de 1621. Frei Belchior de Santa Ana descreve as várias fases de construção e a evolução que o novo convento foi sofrendo.

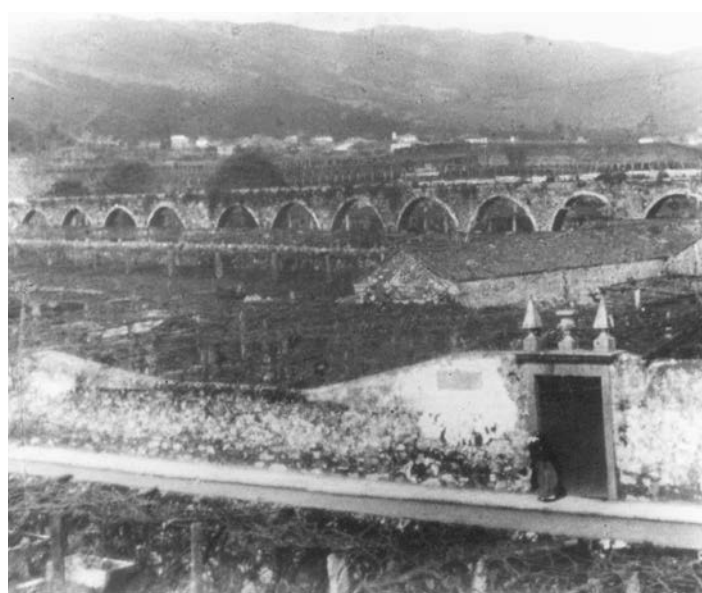
Passados quatro anos, a 8 de maio de 1625, já a comunidade carmelita se encontrava nas novas instalações, mas só a 20 de julho de 1647 o Santíssimo Sacramento era colocado na nova igreja conventual. As diversas alterações devem-se à adaptação do espaço conventual às necessidades da vida da comunidade – não esquecer que era Colégio de Teologia Moral e Colégio de Coristas – e determinariam uma nova campanha de obras no final do século XVII. O abastecimento de água ao convento terá sido também uma preocupação que só viria a ser solucionada no início do século XVIII, com a intervenção de Frei Pedro da Conceição.

O Cronista Frei Manuel de São Bento, no Tomo IV das *Cronicas* (manuscrito inédito), refere que a 19 de junho de 1659 o prior frei António do Santíssimo Sacramento tomaria posse de uma fonte que Bernardo Velho Lobo possuía junto à sua quinta, na encosta do monte de Santa Luzia, e a teria doado ao convento.

O padre prior começaria então, de imediato, uma obra que *«consistio ella em formar canos, que levassem a dita agoa de hum lugar tao distante ate o mais intimo do convento; sendo necessario atravessar quintas, campos, e estradas, e ainda mesmo desmontar e quebrar rochedos: e sobre tudo sendo necessario conseguir licenças da Camara, e dos senhorios particulares, para se fazer licita, e validamente tal conducao (...). Passados quasi cincoenta, e trez annos desde a posse da mesma fonte, comecou a sentirse alguma diminuicao nas suas correntes»*.

No ano 1712, andando a caçar, perto da capela de Santo André, um religioso de S. Domingos, amigo da comunidade carmelita do Carmo, encontrou uma mina de abundante água, o que logo comunicou ao convento carmelita, pelo que o padre prior pediu e obteve do Senado da Câmara licença para tomar posse da referida mina.

No dia 26 de Abril de 1713, e era então prior, em Viana, Frei Guilherme de Jesus Maria, chegou à Vila Frei Pedro da Conceição, um dos poucos tracistas da Ordem, a par de Frei Alberto da Virgem, que entre as muitas e importantes alterações que realizou no convento de Nossa Senhora do Carmo encontra-se a construção do aqueduto e do arco da rua que conduziria a água à cerca do convento, bem como da fonte nova então construída, fonte pública situada na Rua da Bandeira a pedido dos seus moradores, o que foi cedido pelo convento enquanto este assim o entendesse. *«Disto se fez escriptura publica em 23 de Dezembro de 1713»*, como nos conta Frei Manuel de São



Bento, que não poupa elogios à arquitetura do aqueduto.

Daqui se infere a ligação de entreajuda e solidariedade entre a Ordem dos Carmelitas Descalços e a comunidade vianense, também a nível das questões mais práticas de vida que não só as espirituais.

Tinha razão, de facto, o Governador do Porto, e benfeitor da Ordem, Diogo Lopes de Sousa, quando lançou em defesa da fundação de um Convento de Carmelitas Descalços em Viana, o argumento dos interesses superiores para a Vila, da sua presença, nesta terra. Referia-se, como bom cristão, aos benefícios de ordem espiritual, mas os vianenses depressa concluíram da real importância e influência destes religiosos no seu seio, como o texto sobre a Fonte Pública, situada na rua da Bandeira, o confirma.

O ENGENHO DOS CONSTRUTORES

Albertina Vieites, OCDS

Enfermeira

Comunidade do Carmo de Viana

A História é feita de momentos e estes são obra do génio ou do acontecimento puro, mas todos se inscrevem como referências na história e na espiritualidade de uma comunidade. Cada um e todos contribuem para a construção de uma realidade-síntese de ideias de vida, de ação, traduzem os sentimentos mais profundos que lhes deram forma, são marcos que remarcam a memória dos vindouros.

Junto às margens do rio Lima, ao norte do país, rico em belezas naturais e em sentimentos religiosos, situa-se a linda cidade minhota, Viana do Castelo, onde os Carmelitas Descalços se estabeleceram no segundo decénio do século XVII.

À minha memória vem uma história de coragem que aconteceu no Convento de Nossa Senhora do Carmo de Viana, em tempos conturbados da passagem das tropas napoleónicas em 1805, que encontrei narrada no livro

«Os humildes», de José Caldas, que aqui transcrevo: *«Quando foi da invasão francesa (...) entraram cinco homens apenas: um sargento de couraceiros seguido de uns quatro soldados. Recebeu-os o Frei José de São Vicente, e tanto que os viu no claustro, prestes já a penetrar pela porta que vai para a capela-mor da igreja, perguntou ao cabeça de motim o que é que queriam. O «Sabreur» tirando logo da longa espada respondeu-lhe que «queria dinheiro». Não foi possível atender a seu legítimo desejo. E alçando a mão despediu uma fortíssima cutilada no bordo moldurado da porta, fazendo saltar dela uma pesada lasca de madeira que foi bater de encontro à capa branca do carmelita. E com isto, sahiu como entrara: – proferindo as máximas torpezas, tanto contra a casa, como contra a religião que os seus conventuais professavam. Ainda agora pode ser visto o golpe de couraceiro francês, na porta que acima alude, e que a abria pelo claustro para a igreja»*.

De facto, a fundação do Convento de Nossa Senhora do Carmo encerra vicissitudes e incertezas, mas como era obra de Deus e a Deus nada é impossível obteve-se a licença régia de ereção a 12 de agosto de 1616. Frei António do Santíssimo Sacramento, prior de Évora e Frei Paulo da Trindade, Vigário da Fundação Portuense, foram os executores das decisões capitulares, tomadas em Lisboa em 5 de Maio de 1618, e patrocinadas por Diogo Lopes de Sousa e Manuel Jácome Bravo, respetivamente governador e Desembargador do Porto, aos quais se deve a aprovação camarária da fundação, datada de 27 de junho de 1618.

Os referidos Carmelitas Descalços levaram consigo, para a nova fundação, Frei Baptista da Trindade, eleito Vigário, Frei Manuel da Anunciação, eloquente pregador, e Frei Domingos do Espírito Santo, os quais, com a licença obtida junto do metropolitano bracarense, se dirigiram às casas da rua da Bandeira, onde iniciaram a vida comum, em 1 de julho de 1618.

Antes desta data, havia na antiga vila de Viana do Minho uma capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, com grande afluência de devotos. Esta particularidade, junto à fama de observância, que aureolava os religiosos, explica o carinhoso acolhimento que o povo de Viana lhes dispensou, e sempre, depois, aumentou, na medida em que os iam conhecendo melhor.

Mas o lugar não era apropriado e o arquiteto da Província, Frei Alberto da Virgem, incumbido de elaborar os planos do novo edifício, escolheu para isso uns terrenos que foram adquiridos aos Mendonças e onde a primeira pedra se colocou em 16 de julho de 1621.

Com ajuda económica de alguns conventos da Província de São Felipe e outras esmolas, já em 8 de maio de 1625 podia receber os primeiros religiosos. Mas a igreja dedicada a Nossa Senhora do Carmo só em 20 de junho de 1647 pôde ser aberta ao culto.

Outras obras conventuais se foram realizando em sucessivos priorados, assinalando-se, pela sua importância, o imponente aqueduto que, desde as ladeiras do monte de Santa Luzia, conduzia a água potável ao Convento de Nossa Senhora do Carmo.

A comunidade abriu, fora da clausura, um fontanário público, por acordo com a Câmara, em escritura de 23 de dezembro de 1713. Em frente à igreja tinha-se construído um adro vedado que, em 1860, foi sacrificado à urbanização desta zona da cidade.

O Convento do Carmo foi Colégio de Teologia Moral que já se ensinava desde 5 de outubro de 1620. Em 1826 sendo o Prior da Comunidade, Frei José de São Vicente, o Convento do Carmo foi escolhido para Colégio de Coristas.

As comunidades Carmelitas que por aqui passaram souberam prestigiar esta cidade do Alto-Minho e seus arredores, onde granjearam estima e veneração pelas suas atividades ministeriais e culturais, a bem dos habitantes da região.

No entanto, tudo terminou na infausta data do 28 de maio de 1834, com a sentença de morte infligida às Ordens Religiosas, por Joaquim António Aguiar.

Dispersos os Carmelitas Descalços que formavam a comunidade, o Governo liberal confiscou o Convento e



incorporou-o nos Bens Nacionais. Em agosto de 1836 concedeu-se o uso da igreja à Confraria de Nossa Senhora do Carmo que passaria à categoria de Ordem Terceira do Carmo em 18 de novembro de 1857 por decreto régio e aprovação da Ordem dos Carmelitas Descalços, sendo seu primeiro Comissário Frei João de Santa Teresa.

No regresso dos Padres Carmelitas Descalços a Viana do Castelo há que destacar a colaboração preciosa das irmãs Carmelitas do Carmelo vianense para instaurar, nesta cidade minhota, a Ordem dos padres Carmelitas, novamente. Tudo se tornou mais fácil quando os Missionários da Congregação do Espírito Santo comunicaram às Irmãs que era desejo da Ordem Terceira do Carmo oferecer aos Padres Carmelitas Descalços a capelania que eles atendiam na Igreja do Carmo.

A Ordem Terceira do Carmo desejava há muito a presença dos seus fundadores; então, o Vigário do Culto da Ordem Terceira do Carmo, cônego Domingos A. Gonçalves Borlido, pároco de São Domingos, comunicou em 19 de agosto de 1931, à Ordem dos Carmelitas Descalços em Portugal, o grande desejo que os Terceiros tinham que voltassem para lá os religiosos carmelitas. E era-lhes oferecida a reitoria do Templo do Carmo e umas dependências anexas para residência.

Depois, foi Frei Angelo Jauregui encarregado de contactar o senhor Arcebispo e a Ordem Terceira do Carmo. E, como resultado das boas impressões e promessas recebidas, a 13 de junho de 1932 chegava a Viana do Cas-

telo Frei José Rodriguez Mañaricua, procedente de Elvas, para tomar como encargo a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e as ruínas conventuais. Para estabelecimento nesta Cidade do Alto Minho, a 5 de junho de 1932 solicitou-se a necessária legalização ao senhor Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, que deu resposta favorável, nos seguintes termos: «Concedemos a autorização pedida a teor do Cânone 497,1 | Braga, 7 de julho de 1932». D. António Martins Júnior confirmou o precedente decreto de ereção no dia 22 de abril de 1949. O Definitório Geral aprovaria esta fundação no dia 23 de junho de 1950.

Frei José Rodriguez Mañaricua estava decidido a fazer deste antigo convento em ruínas um Seminário Missionário Carmelitano, de suma importância para o futuro da Ordem em Portugal. Então, comprou à Câmara Municipal as ruínas conventuais e 10 metros de terreno ao longo do Edifício carmelitano. Adquiriu também os terrenos contíguos ao edifício conventual. Arrançou com as obras do Seminário Missionário Carmelitano em março de 1951, tendo ainda a satisfação de vê-las bastante adiantadas antes de acabar o triénio.

O seu sucessor na delegacia provincial, Frei Isidoro Maguna, continuou as obras projetadas valendo-lhe a comparticipação do Governo e a ajuda de todos os conventos carmelitas de Portugal de tal forma que o Seminário pôde ser aberto, em novembro de 1953, com 70 alunos no 1º ano. A inauguração oficial teve lugar a 3 de janeiro de 1954.

As vocações ao Carmo Descalço afluíam em número considerável, por isso houve necessidade de ampliar o edifício. Assim, a 7 de junho de 1955 deu-se início ao prolongamento da ala voltada para a estrada da *Papanata*, ficando com 96 metros de comprimento. Além disso, foi construído um andar sobre o alpendre contíguo à rua da Bandeira, de uns 50 metros de comprimento, ficando estas obras concluídas em abril de 1956, com notável benefício urbanístico para a cidade, mesmo, junto à ponte Eiffel. O Governo Português tornou a conceder um generoso subsídio comparticipando com 30% nas despesas das obras realizadas, percebendo a utilidade desta ajuda para a formação de futuros missionários. Este Seminário Missionário Carmelitano esteve até ao fim do século XX destinado à formação de jovens, tendo encerrado já na primeira década do século XXI.

O carisma e a espiritualidade são a pedra basilar da vocação e missão pastoral dos Carmelitas do Convento do Carmo de Viana. A fidelidade criativa e a exigência da comunidade orante, fraterna e comprometida, leva ao anúncio do Evangelho, inserido na realidade da vida. Cada carmelita é para nós sinal da presença de Deus no coração da pessoa, da cidade, da história e do mundo.

No próximo ano, 2022, passam noventa anos da restauração da presença Carmelitana em Viana do Castelo. Noventa anos de aproximação à realidade das pessoas, na partilha do carisma e espiritualidade da nossa comunidade. Uma comunidade que continua a viver de forma simples e espontânea as situações de cada dia, para se transformar em oásis de oração.

RECORDAR E RECUPERAR PARA VALORIZAR

Lúcia Emília da Silva Carvalho
Professora de língua Inglesa
Comunidade do Carmo de Viana

Nestes 400 anos do Convento de Nossa Senhora do Carmo em Viana do Castelo, muitos acontecimentos se passaram depois do lançamento da primeira pedra para a construção.

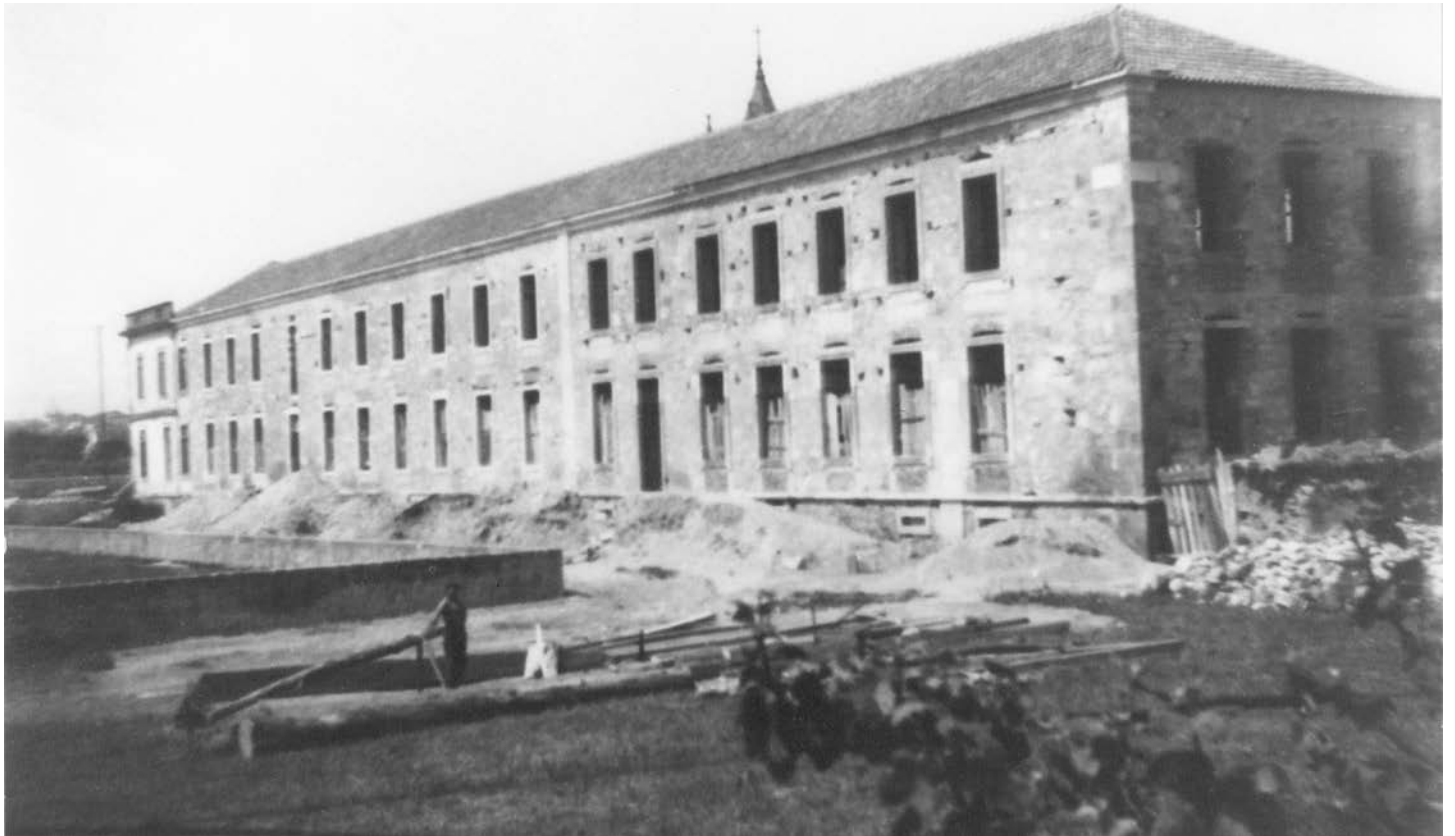
Com efeito, no dia 8 de maio de 1616, durante o Capítulo Provincial realizado em Lisboa, o padre Provincial decidiu apressar a fundação do Convento em Viana delegando tal missão em Frei António do Santíssimo Sacramento e frei Paulo da Trindade. Chegados a Viana hospedaram-se na casa de Francisco Jácomo do Lago, na Rua da Bandeira.

Sendo Prior Frei António das Chagas, foi ele que comprou por 480\$000 as casas dos Mendonças. No dia 16 de julho 1621 deu-se início à construção, conforme desenho do tracista Frei Alberto da Virgem, e só no dia 8 de maio de 1625 os religiosos se mudaram para o Convento do Carmo. No Triénio 1625 – 1628, o Prior Frei Pedro da Purificação levantou as paredes das 5 celas que faltavam, telhou-as e tirou os alicerces da cabeceira da igreja, com que se fechou o dormitório. O Prior Frei Domingos das Chagas, sexto da Fundação, levantou as 2 paredes dos lanços do claustro no Triénio 1634-1637. Foi já Frei André de Jesus e Maria quem lançou os alicerces da igreja, levantando as suas paredes até altura dos confessionários. Frei

Rodrigo da Encarnação, décimo terceiro prior, mandou fazer a empena do frontispício da igreja, assentou o coro e ladrilhou várias dependências. Tudo isto nos é contado no Livro da fundação do Convento dos Religiosos Carmelitas Descalços de Viana da Foz do Lima iniciado a 5 de julho de 1636.

A abertura da Igreja dedicada a Nossa Senhora do Carmo deu-se em 1647. Frei António da Madre de Deus, entre 1688 – 1692, mandou construir os 3 retábulos do altar-mor e 2 colaterais. No priorado de Frei António do Santíssimo Sacramento, no ano de 1694 douraram-se as talhas. A 18 de Abril de 1694 Frei Álvaro da Santa Madre de Deus autorizou a construção dos alçados do claustro.

Em 1705 os carmelitas pediram autorização à Câmara para canalizarem água para o Convento do Carmo e em 1713 abriu-se o fontanário público. Em 1712 foram construídos a torre e o adro e em 1717 colocou-se solenemente o trono no retábulo-mor. Já no triénio de Frei Pedro da Conceição, no ano de 1725, fez-se uma planta para acrescentar o refeitório, lavandaria, cozinha, casa do peixe, despensa e enfermaria, no primeiro piso, enquanto no segundo se projetava uma varanda e a casa do ofício humilde e o mesmo desenhou a planta para o arco da rua e para a Fonte Nova.



Entrados no século XIX, em 1805, fez-se o atual claustro do Convento do Carmo com 48 sepulturas, tendo o antigo 12 da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, 14 dos religiosos e outras particulares, num total de 56; nesta mesma data, existiam 44 sepulturas no cruzeiro do transepto.

Chegou o ano *horribilis* 1834 e com ele a extinção das ordens religiosas. O convento de Nossa Senhora do Carmo foi confiscado e os carmelitas dispersos. Do rol da avaliação dos bens para venda encontramos o seguinte e o curioso registo: «o convento de pedraria e carpintaria sete mil reis; a cerca com hortas, vinha, laranjal, árvores de fruto e vários tanques de rega, oitocentos reis (...). A cerca foi comprada por Custódio José Pinto Marchante, por trinta reis; a Botica foi comprada por Francisco da Costa Pimenta, por cem reis».

Depois, em 1836, a igreja foi entregue à confraria de Nossa Senhora do Carmo; as dependências conventuais foram cedidas ao Asilo da Mendicidade e já em 1857 a Igreja passa para a Ordem Terceira do Carmo.

A Congregação Salesiana ainda ocupa uma parte do Convento entre 1904 e 1910, com as oficinas de São José. Entre 1932 – 1953 procedeu-se à instalação do Seminário Missionário Carmelitano.

Ainda que possa parecer fastidioso, este texto apenas quis dar uma pequena ideia da história de edificação deste Convento do Carmo ao longo dos seus quatrocentos anos. Tanto empenho, tanta tarefa, tanta diligência, tanto sacrifício não podem ter sido em vão.

Foi este o nosso intento: dar a conhecer, ainda que sumariamente, o «sangue, suor e lágrimas» que escorrem das pedras de que é feita a nossa/vossa Casa – o Convento do Carmo, de Viana, cidade que desde logo muito bem nos acolheu e à qual sempre retribuimos dando a nossa colaboração, espiritual, é evidente, mas também contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população, nomeadamente com a construção do aqueduto e fonte de abastecimento de água, não sendo despidendo o contributo para a formação de centenas de jovens seminaristas da cidade e do distrito.

LEITURA ARQUITETÓNICA DO CONVENTO DO CARMO DE VIANA DO CASTELO

Susana Fernandes

*Mestre em Engenharia Civil e Estudante de Arquitectura e Urbanismo
Comunidade do Carmo de Viana*

É incontestável dizer-se que, grande parte da evolução das cidades, e da própria história da arquitetura, se deve em grande parte à presença das ordens religiosas

que, por acreditarem nas gentes e nas características de determinada região, tomavam por arrojo, a decisão de aí, construir o seu convento, sedimentando assim a

base da sua doutrina. Em 1616, o Capítulo Provincial Carmelita, reunido em Lisboa, decide fundar um convento da Ordem dos Carmelitas Descalços, em Viana do Castelo, na altura ainda denominada Viana da Foz do Lima, uma terra que se encontrava em crescimento, devido essencialmente ao comércio marítimo. Frei António do Santíssimo Sacramento, Prior de Évora, e Frei Paulo da Trindade, Vigário do Porto, ficaram então responsáveis pela edificação do novo convento.

Frei António e Frei Paulo levaram, então, consigo para Viana os padres Frei Baptista da Trindade, eleito vigário da fundação, Frei Manuel da Anunciação, considerado um excelente pregador, e Frei Domingos do Espírito Santo, tendo ficado todos hospedados em casa de Francisco Jácome do Lago, localizada na Rua da Bandeira. Durante o período de tempo seguinte, os Carmelitas começaram a equacionar qual o local mais indicado para a construção do Convento, pelo que foi por melhor consideração do tracista da Ordem, o Irmão Frei Alberto, que se escolheu o terreno dos Mendonças.

É então assim que, o Frei António Chagas, já com o título de prior, compra o sítio dos Mendonças por 480\$000, e é precisamente nesse terreno que, a 16 de julho de 1621, no dia de Nossa Senhora do Carmo, é lançada a primeira pedra da construção do Convento do Carmo.

O arquiteto que ficou incumbido do projecto do Convento do Carmo foi Frei Alberto da Virgem, pelo que a estrutura arquitetónica do Convento do Carmo apresenta características muito próprias das igrejas conventuais carmelitas, aliás até possuindo mesmo diretivas construtivas inscritas na *"Regla Primitiva y Constituciones de Los Religiosos Descalzos"*, com um conjunto de proporções dimensionais para que assim se normalizasse as proporções de edificação dos edifícios conventuais. E, estas diretivas, nunca eram deixadas "ao acaso", sendo a sua obrigatoriedade garantida segundo as indicações dos arquitetos, dos tracistas e dos mestres de obras da própria Ordem dos Carmelitas. Aliás, será importante referir, que se encontrava inclusivamente definido um procedimento faseado, para a fundação de cada convento carmelita, sendo inclusivamente essas fases pensadas e decisivas até para o próprio processo construtivo, pelo que se terá de enaltecer, o importante papel desempenhado pelos frades carmelitas com a responsabilidade dessas obras. Esse faseamento, era normalmente efectuado em quatro etapas distintas.

Uma primeira fase dizendo respeito à primordial acomodação dos religiosos em habitações cedidas, na maior parte das vezes por particulares devotos, antes mesmo do início das obras do convento, que em Viana do Castelo, se veio a demonstrar uma tarefa mais simplificada uma vez que já se pautava um grande carinho do povo Vianense pela Ordem Carmelita, até por haver registo da existência de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Carmo, na antiga vila de Viana do Minho, com grande afluência de devotos.

A segunda etapa, geralmente diz respeito à construção das primeiras dependências conventuais e à transferência dos religiosos para essas dependências, contudo no caso específico da fundação do Convento do Carmo,



não houve necessidade desta edificação uma vez que os frades se mantiveram na casa de Francisco Jácome do Lago.

Na terceira etapa, passar-se-ia então à construção da igreja e outras divisões do convento, e é precisamente devido a esta fase, que este ano se realizam as comemorações dos 400 anos do início desses trabalhos. Posteriormente a esta fase, geralmente prosseguia-se para uma quarta fase, pois apesar do Convento já se encontrar concluído e encontrando-se até já os religiosos na sua vivência, algumas obras de algumas dependências poderiam prosseguir. Todas as características aqui já explanadas, apresentam-se de tal forma particulares que, se chega mesmo a questionar se não se estará perante um Estilo ou uma Arquitetura específicos da Ordem dos Carmelitas. Será, contudo, fácil compreender a existência de tais singularidades, quando se percebe a necessidade de uma resposta, dada pela própria arquitetura, a uma vivência distinta das demais. A tipologia arquitetónica carmelita, procura responder à própria essência do Carmelita Descalço, definindo-se pela predominância de um espírito de elevada contemplação e grande sensibilidade, com uma vivência rigorosa e desapego a bens materiais. Para os Carmelitas Descalços, o interior do complexo conventual tem como requisito principal um espaço pautado por características de silêncio para a dedicação ao recolhimento e à quietude espiritual.

A Igreja do Carmo é de estilo barroco, apresentando contudo motivos de maneirismo reformado. Pelo exte-

rior, a fachada principal é uma fachada normalmente alta, com uma configuração quase rectangular, apresentando significativamente três registos no sentido vertical, acabando por no topo, ser encimada por um frontão de configuração triangular. No primeiro registo, o nível de acesso de entrada principal da igreja, apresenta geralmente um pórtico tripartido, composto por arcos de volta perfeita, sendo o arco central o de maior dimensão. No segundo registo, apresenta-se um nicho com uma imagem, e no terceiro registo, verifica-se um vão de janela com tais generosas dimensões que, acaba mesmo por invadir o registo anterior, acabando até por se unir ao próprio nicho. A torre sineira, do lado esquerdo, apresenta dois registos, encontrando-se o relógio ainda no primeiro registo e, no segundo registo, quatro sineiras com arcos de volta perfeita. A torre possui sensivelmente uma altura de 38 metros e apresenta quatro pináculos de remate em cada canto. Adossada à fachada principal, pelo lado direito, encontram-se dispostas as dependências conventuais.

A planta da igreja é uma planta tipicamente carmelita, assumindo-se por isso o modelo de cruz latina, com um transepto bastante reduzido e possuindo na nave, capelas comunicantes e cobertura em abóbada de berço. Da interseção da nave com o transepto, resulta um cruzeiro com uma cúpula de “meia laranja”, encontrando-se o seu extradorso coberto por telhado de duas águas. Atravessando-se o cruzeiro, à cabeceira da igreja apresenta-se um decorado retábulo, onde se encontram as três ima-

gens mais belas e distintivas: do lado direito, a imagem de Santa Teresa, no lado esquerdo, a de Santo Elias, e no centro, no trono, a imagem de Nossa Senhora do Carmo, com o seu escapulário. A capela-mor é ligeiramente pronunciada, possuindo duas sacristias acopladas. O interior da igreja possui painéis de azulejos de padrão e talha dourada. O corpo conventual, desenvolvendo-se do lado direito, é de estilo maneirista e neoclássico, e desenvolve-se no espaço circundante de um claustro, com proporções interessantes.

Será também importante referir que, a construção do Convento do Carmo, provocou uma maior necessidade para que se realizassem outras obras relevantes para a comunidade, como o caso do aqueduto que se construiu, e que conduzia a água potável desde o monte de Santa Luzia, até ao convento carmelita. Nas celebrações dos 400 anos do início da construção do Convento do Carmo, cabe-nos lembrar, todas as virtudes, benefícios e apportações, que a Ordem dos Carmelitas Descalços proporcionou ao povo Vianense, lembrando não apenas a proeza arquitetónica de uma construção daquela envergadura, com investimento económico significativo, possibilitado por todos aqueles que contribuíram com doações, mas também pelo inegável esforço físico e emocional, tendo mesmo acompanhado e estado presente em muitos momentos históricos de Viana do Castelo, de Portugal, e até da Europa, tendo a Ordem dos Carmelitas, demonstrado sempre a sua grande identidade, em diversos momentos cruciais da história.

GESTOS E MOMENTOS QUE MARCAM

Fátima Simões
Professora de Música
Escola do Carmo

Gestos e momentos que marcam
Dois mil e vinte e um será um ano que para sempre ficará na nossa memória. Desde um novo confinamento, devido à pandemia Covid 19, à vacinação para a ultrapassar, e ao ano de comemoração dos 400 anos do lançamento da primeira pedra do Convento do Carmo, tudo serão recordações marcantes deste que foi um ano histórico nas nossas vidas.

No âmbito da comemoração deste último acontecimento, foi lançado o desafio à Escola EB1 do Carmo, na qual sou docente de Expressão Musical do 4.º ano de escolaridade, da criação de um teatro sobre o aparecimento deste Convento, tendo sido apontado, inicialmente, o dia 18 de junho.

Sendo este dia uma data bastante marcante para a cidade de Viana do Castelo, devido à atribuição do Foral por D. Afonso III, surgiu a ideia de se realizar uma viagem musical sobre alguns aspetos da história da cidade, E assim temos “Gestos que Marcam ... Momentos que Marcam ...”, com história e letras de canções escritas por mim, e ainda uma peça de teatro sobre a história do Convento, cuja autoria ficou a cargo do professor António Amaral.



Os alunos dos 3.º e 4.º anos de escolaridade, com a colaboração dos docentes titulares de turma e da docente de Música do 3.º ano, representando uma história contada por algumas vianenses a um grupo de turistas, ficaram a conhecer o percurso da cidade de Viana do Castelo desde o seu aparecimento como Vila de Figueiredo, a

ciãnia de Santa Luzia conhecida pela “Cidade Velha”, cantando “A Vila de Figueiredo foi o início de um grande núcleo de povoações ...”.

Passando à Romanização, entraram em contacto com a Lenda do Rio *Lethes* ao cantarem “rio do esquecimento, era a fama que o precedia e quem o atravessasse não mais se lembraria”, e dramatizarem a chegada dos Romanos a este rio.

O momento seguinte foi a atribuição do Foral ao então lugar chamado Átrio, passando a chamar-se Viana da Foz do Lima. Utilizando uma melodia conhecida de todos(as), os(as) alunos(as) cantam com toda a força: “Então nós hoje agradecemos, ao Rei D. Afonso II, ter-nos transformado em vila, e no foral gastar tinteiro”.

Claro que neste percurso histórico-musical não nos poderíamos esquecer de grandes personalidades desta cidade. Assim, da época dos Descobrimentos, e entre vários navegadores Vianenses, contaram, entoando, a seguinte história: “Era Diogo Correia, o Caramuru, e a bela índia Paraguaçu. Os costumes da Baía ajudaram a modificar e a reformar, levando um louvor do Rei por colonizar”.

De seguida, foi considerado muito importante que os(as) alunos(as) conhecessem também vários aspetos da história do Santo Bartolomeu dos Mártires, padroeiro de uma das escolas do Agrupamento, cantando, entre outras informações, que “Pelo Papa João Paulo II, beatificado ele foi. Dois mil e um, foi o grande ano em que o bispo ficou santo”.

Chega-se neste momento ao ponto alto do espetáculo, podendo assistir-se a um pequeno “documentário” sobre a criação do Convento do Carmo, numa conjugação entre fatos históricos e momentos de boa disposição: “Hoje na Carmo TV 24 apresentamo-vos um trabalho de investigação sobre um dos monumentos mais emblemáticos da cidade de Viana do Castelo”. Este pequeno teatro termina com a entoação de uma canção.

“Viana da Foz do Lima, uma vila enriquecida, passou a ter no seu seio, um grupo de Carmelitas. O capítulo provincial, por Frei Martinho em Lisboa, enviou cinco Carmelitas, com uma tarefa boa. Eles vieram para um convento criar e a vila ajudar! Nossa Senhora do Carmo, era o nome que se antevia, pois no sítio dos



Mendonças, numa capela a imagem havia. E assim a 16 de julho, Padre Frei António, lançou a primeira pedra, deste belo património. Hoje comemoramos, uma data especial, há 400 anos!”

Passa-se, de seguida, a outro momento histórico, protagonizado por D. Maria II em 1848, quando esta elevou a vila de Viana da Foz do Lima à cidade de Viana do Castelo. Os(as) alunos(as) ficaram a saber que Viana tinha resistido às Tropas da Patuleia e que “como recompensa, Maria a elevou, de vila a cidade e Viana do castelo, ela lhe chamou”.

A viagem é, agora, até aos nossos dias, começando pelas tradições e incentivando simultaneamente as compras na nossa cidade ajudando a superar as perdas pelo fecho durante a pandemia. Assim, os(as) alunos(as) dizem-nos que “se o tempo é dinheiro, eu vou gastá-lo em Viana. São muitas as tradições que a cidade tem para dar. Desde o artesanato à gastronomia, bela forma de gastar”.

Não esquecendo que Viana é mar, os(as) alunos(as) aprenderam uma canção tradicional relacionada com esta temática, e para encerrar esta viagem musical, soará “és sem dúvida a cidade, onde tudo é beldade, ontem, hoje e amanhã”. Esperando que esta viagem musical seja do agrado de todos, cá vos esperamos no dia 8 de julho.

EXCERTO DA PEÇA DE TEATRO: «A CIDADE DE VIANA E O CONVENTO DO CARMO»

António Amaral
Professor do Primeiro Ciclo
Escola do Carmo

- Turista 1** – Que bonita história. Mas e este edifício onde nos encontramos? Qual é a sua história?
- Vianense 4** – Ainda bem que perguntas, pois daqui a menos de um mês, comemoram-se os 400 anos do lançamento da 1.ª pedra deste edifício.
- Turista 3** – 400 anos? Então também foi na época da contrarreforma da igreja!
- Vianense 1** – Sim foi. Em 1618, o Capítulo Provincial carmelita decidiu fundar na vila de Viana um convento da Ordem, tendo a 1.ª pedra sido lançada sob a responsabilidade de Frei António do Santíssimo Sacramento.
- Frades** – Prior responsável pela edificação da obra durante um ano.

CENA 1

- Jornalista 1** – Boa noite! Hoje na Carmo TV 24 apresentamo-vos um trabalho de investigação sobre um dos monumentos mais emblemáticos da cidade de Viana do Castelo.
- Jornalista 2** – É verdade! O Convento do Carmo festeja este ano os seus 400 anos. Vamos mostrar-vos um documento inédito sobre a sua criação e sobre a sua história até aos nossos dias.
- Jornalista 1** – No ano de graça de 1616 foi decidido em Lisboa que seria construído um Convento da Nossa Senhora do Carmo em Viana da Foz do Lima.
- Jornalista 2** – (Surpreendido) Viana da Foz do Lima!? Mas eu pensava que estávamos a falar de Viana do Castelo.
- Jornalista 1** – Sim, é a mesma terra!
- Jornalista 2** – Desculpa, mas se fosse a mesma terra, teria o mesmo nome. Tive um professor que dizia sempre que “se há dois nomes, é porque se trata de duas coisas diferentes”.
- Jornalista 1** – Acho que esse professor não te explicou as coisas muito bem.
- Jornalista 2** – Fala baixo, porque ele está na sala.
- Jornalista 1** – Pois, mas a nossa cidade, antes, chamava-se Viana da Foz do Lima. Só se passou a chamar Viana do Castelo em 1848.
- Jornalista 2** – Ah! Então esta história passou-se antes do marinheiro ver a Ana à janela?
- Jornalista 1** – Ana? Que Ana?
- Jornalista 2** – A Ana do castelo! Ele dizia a toda a gente “eu vi Ana do castelo! Eu vi Ana do castelo!” Foi antes desta história?
- Jornalista 1** – (Num tom exasperado) Sim talvez! Aqui o assunto são os 400 anos do Convento de Nossa Senhora do Carmo. Podemos continuar?
- Jornalista 2** – Espera aí! Se tudo começou em 1616 e agora estamos em 2021... fazendo bem as contas usando um algoritmo da subtração chego ao resultado de 405 anos e não 400. Este aniversário tem 5 anos de atraso.
- Jornalista 1** – Tu não tens paciência nenhuma! Espera pelo resto da história. Já vais perceber. Em 1616 pensou-se em construir o convento e a 16 de julho de 1621 iniciaram-se as obras. De 1621 para 2021, já faz 400 anos.
- Jornalista 2** – Na prática, só faz 400 anos daqui a uma semana.
- Jornalista 1** – Já chega!
- Jornalista 1** – Não foi fácil encontrar o local certo para o construir.
- Jornalista 2** – A nossa equipa de reportagem esteve lá e viu tudo.

CENA 2

- Repórter** – (Dirigindo-se ao Padre Fr. António do Santíssimo Sacramento) Senhor Padre António do Santíssimo Sacramento, está a ser difícil encontrar um terreno para construir o convento aqui em Viana?
- Fr. António** – Sim. Contratamos um intermediário para nos encontrar o local perfeito. Só que no início queriam que instalássemos o convento na antiga casa de um sapateiro e de uma viúva. Claro não podia aceitar, uma vez que era um espaço muito pequeno.
- Repórter** – Senhor Padre Paulo da Trindade, a Carmo TV24 também soube que estariam a ver um terreno mesmo junto ao rio, mas também não lhes agradou?
- Fr. Paulo** – O sítio era maravilhoso com uma vista fantástica, perfeito para nos podermos recolher e rezar, mas havia um problema...
- Repórter** – Os mosquitos à noite, não é?
- Fr. Paulo** – Também! Mas principalmente o barulho dos pescadores que passam o dia a cantar e chamar por uma menina Ana que está no castelo. Assim não dá para nos concentrarmos.
- Repórter** – Então!? O que tencionam fazer?
- Fr. António** – Vimos ali mais acima um terreno perfeito que vamos conseguir comprar com a ajuda dos nossos benfeitores. Fica afastado do rio, mas mesmo assim, temos vista para ele. Vai ser perfeito.
- Repórter** – Apesar das dificuldades, sempre foi possível encontrar um terreno suficientemente grande para construir o convento. A Carmo TV24 até conseguiu apurar que sobrará uma pequena parcela de terreno que poderá mais tarde servir para construir uma pastelaria e até uma escola. Quem sabe!?
- Jornalista 2** – Obrigado, João, por esta reportagem.

CENA 3

- Jornalista 1** – Em 1625, os religiosos mudaram-se para o convento. Em 1628, os dormitórios ficaram concluídos.
- Jornalista 2** – Como assim? Durante três anos dormiram no meio das obras e do cheiro a tinta? Vamos já ter com o nosso repórter no local.

- Repórter** – Boa noite! Estamos aqui com o Padre Albertino. Como tem passado?
- Padre Albertino** – Muito mal! Ando com dores de cabeça constantes. É um barulho incessante de dia e de noite.
- Repórter** – Também há obras de noite?
- Padre Albertino** – Não, mas o barulho é tal de dia, que dá impressão que faz eco até de noite.
- Repórter** – Não se consegue concentrar?
- Padre Albertino** – As leituras e as rezas são dificultadas, mas também é um sacrifício que vale a pena. É tudo por uma boa causa.
- Repórter** – Foi a reportagem possível em direto das obras do Convento do Carmo.
- Jornalista 2** – Realmente este barulho é insuportável!
- Jornalista 1** – Já não há barulho nenhum!
- Jornalista 2** – Deve ser o eco então.
- Jornalista 1** – Sim é verdade! Quando a sala está vazia faz mais eco!
A igreja, por sua vez, foi construída entre 1634 e 1647. Tem o estilo das igrejas conventuais carmelitas com planta em cruz latina e nave com capelas comunicantes. A fachada não tem muitos ornamentos e é marcada por pilastras toscanas.
- Jornalista 2** – Eh! Para aí! Eu não quero tirar um curso de arquitetura! E por dentro, é bonita?
- Jornalista 1** – Claro que sim! Tem painéis de azulejos e talha dourada. Os altares laterais foram feitos em talha rococó. Rococó é um estilo artístico de decoração!
- Jornalista 2** – Ah! Assim já faz sentido! É que eu estava a pensar... Bem, vamos ter com o nosso repórter que está a acompanhar as obras da igreja.

CENA 4

- Repórter** – Estamos aqui com um dos arquitetos desta bela empreitada. Senhor arquiteto, esta igreja é mesmo excepcional! Não conheço nenhuma que tenha o sino tão baixo e as portas tão altas! É um estilo novo?
- Arquiteto** – Um estilo novo? (repara que tem a planta ao contrário e vira o papel) Não! Tinha isto ao contrário! Parem tudo! A igreja está do avesso!
- Repórter** – Bem! Vamos deixar os especialistas trabalhar. Esta foi a reportagem possível. Devolvo a antena aos estúdios.
- Jornalista 2** – A igreja assim até ficava única no mundo. As obras terminaram em 1647 e desde então, esta igreja tem acolhido inúmeros fiéis. A sua beleza interior e exterior é notável.
- Jornalista 1** – Atualmente, o Convento do Carmo é também um albergue para peregrinos. É o albergue São João da Cruz dos Caminhos e acolhe os peregrinos que vão a nossa Senhora de Fátima, embora a maioria dos peregrinos que por ali passam são os que percorrem os caminhos de Santiago.
- Jornalista 2** – Santiago!? O do 3.º ano?
- Jornalista 1** – Santiago de Compostela! É um santuário que fica em Espanha!
- Jornalista 2** – Pois, também estava a estranhar o Santiago do 3.º ano ter tantos caminhos assim só para ele!
- Jornalista 1** – Os peregrinos que vão a Santiago de Compostela levam com eles um símbolo particular, uma concha de vieira presa na mochila ou na roupa. Onde está a piada?
- Jornalista 2** – É que eu pensei por momentos que ainda bem que o símbolo é uma concha de vieira e não um bacalhau. Seria mais difícil de pendurar à mochila ou na roupa.
- Jornalista 1** – Que engraçadinho! Vamos ter agora com o nosso repórter que está a acompanhar a chegada de alguns peregrinos a Viana do Castelo.

CENA 5

- Peregrina francesa** – Bonjour! Je cherche l' Auberge Saint João da Cruz dos Caminhos.
- Habitante francesa** – Está enganada, menina, eu não me chamo João da Cruz. Eu chamo-me Alberto.
- Peregrina francesa** – Non! Je vais à Saint Jacques de Compostelle.
- Habitante francesa** – Compostela? Compostela é Santiago e não Saint Jacques, menina.
- Peregrina francesa** – Oui Santiago! (Com sotaque francês marcado). Je cherche l'auberge pour dormir. (Faz a mímica de dormir).

- Habitante** – Ó menina, não pode dormir aqui! Vá antes ali ao albergue do Carmo.
- Repórter** – Pois, eu acho que a menina tem razão. O albergue chama-se Albergue São João da Cruz dos Caminhos e não do Carmo.
- Habitante** – Eu sou de Viana e não sabia essa. É por ali, menina. Bon voyage!
- Peregrino chinês** – (Em chinês) Bom dia! Procuo o Albergue São João da Cruz dos Caminhos.
- Habitante** – O Albergue São João da Cruz dos Caminhos? Fica já aqui! Siga por essa rua e já está!
- Peregrino chinês** – Obrigado e um bom dia.
- Repórter** – O senhor percebe bem o chinês!
- Habitante** – Quem mora em Viana sabe tudo, meu amigo!
- Repórter** – Pois, pois. A nossa reportagem terminou. A Carmo TV24 continuará a acompanhar os maiores eventos da nossa bela cidade.
- Jornalista 2** – Este documentário chegou ao fim. Ficamos a conhecer melhor este bellissimo Convento do Carmo, um dos monumentos icónicos de Viana da Foz do Lima...
Eu sei que é Viana do Castelo desde 1848. Estava a brincar contigo.
- Jornalista 1** – Espero que tenham passado um bom momento na nossa companhia da Carmo TV24. Continuação de um bom espetáculo!

CONVENTO DOS CARMELITAS

Viana da Foz do Lima,
Uma vila enriquecida.
Passou a ter no seu seio,
Um grupo de Carmelitas.

O capítulo provincial
Por Frei Martinho em Lisboa
Enviou 5 Carmelitas
Com uma tarefa boa

Eles vieram p'ra
Um convento criar.
E a vila ajudar!

Hoje comemoramos
O início das obras
Há 400 anos!

Nossa Senhora do Carmo
Era o nome que se antevia
Pois no sítio dos Mendonças
Numa capela a imagem havia

E assim a 16 de julho
Padre Frei António
Lançou a primeira pedra
Deste belo património.

Eles vieram p'ra
Um convento criar
E a vila ajudar!

Hoje comemoramos
Uma data especial
Há 400 anos!

Letra: Fátima Simões



A IMPORTÂNCIA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO COMO ELEMENTO DO PATRIMÓNIO LOCAL DE VIANA DO CASTELO

Gonçalo Maia Marques¹

Professor do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC)

O Convento de Nossa Senhora do Carmo, cuja primeira pedra foi lançada em 16 de Julho de 1621, reveste-se de uma importância fundamental para a História de Viana do Castelo e da sua área de influência. É inegável que após a realização do Concílio de Trento (1545-1563) – onde esteve presente como representante português D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga (à qual Viana então pertencia) – a Igreja Católica Romana utilizou, entre outras estratégias, a Arte como veículo de propagação da doutrina católica, definindo (novas) regras de produção artística. As ordens religiosas procuraram ser o veículo de propagação dos ensinamentos da Igreja, utilizando as suas comunidades locais e a arquitetura edificada na época para esse fim.

O Dr. Manuel Jácome Bravo, Desembargador, Guarda-Mor da Torre do Tombo em 1632 escreve aos Vereadores da Câmara de Viana, em 1618, nos seguintes termos: “uma companhia de Carmelitas Descalços dá muita nobreza a uma terra, porque, como soldados de Cristo e mercadores do Céu, esforçam a devoção, fazem guerra aos vícios e abrem lógea de mercadoria e trato espiritual, onde tanto havia da terra”. No ano de 1616, numa época em que a Cristandade Latina defendia em pleno os valores da chamada “Contra-Reforma”, o Capítulo Provincial Carmelita, reunido em Lisboa, decidiu fundar um convento da ordem em Viana da Foz do Lima, uma terra na época enriquecida pelo dinheiro do comércio ultramarino – como se pode ver em distintos edifícios da urbe como os antigos Paços do Concelho, a Misericórdia, a Igreja Matriz e os palácios senhoriais – que fomentava o contacto com diversas comunidades, entre as quais as protestantes do Norte da Europa. Depois da decisão positiva de 5 de Maio de 1618, do Capítulo Geral, um grupo de frades carmelitas – Frei Batista da Trindade, vigário;



Frei Manuel da Anunciação, eloquente pregador e Frei Domingos do Espírito Santo – instalou-se em Viana do Lima, na casa de Francisco Jácome do Lago, na Rua da Bandeira. Frei António das Chagas comprou por 480\$000 réis o sítio dos Mendonças (mais exatamente em 1 de julho de 1618) sendo nomeado responsável pela edificação do novo convento Frei António do Santíssimo Sacramento segundo o “risco” de Frei Alberto da Virgem.

A proposta que fazemos para estes 400 anos de História é um revisitar dos marcos mais importantes da evolução patrimonial do complexo religioso-conventual do Carmo. Para esse efeito, fazemos uma síntese de alguns dos momentos históricos mais significativos que, consultada a bibliografia especializada e o SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) nos parecem relevantes destacar. Assim nos associamos a esta efeméride da maior importância.

Proposta de uma breve Cartografia Histórica Carmelita em Viana

DATA	Acontecimento
1616, 8 de Maio	Decisão do Capítulo Provincial de fundação de Convento Carmelita em Viana. Decisão de aquisição do “sítio dos Mendonças”
1621, 16 Julho	Início da construção, conforme “risco” de Frei Alberto da Virgem
1625, 8 de Maio	Mudança dos religiosos para o convento
1625-1628	Priorado de Frei Pedro da Purificação: Levantamento das paredes das 5 celas, colocação de telha e alicerces da cabeceira da Igreja, tendo-se fechado o dormitório

¹ Professor do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC). Investigador do CITCEM. Historiador. Coordenador do Curso de Serviços Educativos e Património Local da Escola Superior de Educação. Contacto: gmaiamarques@ese.ipvc.pt

1634-1637	Frei André de Jesus e Maria lançou os alicerces da igreja levantando as suas paredes até altura dos confessionários. Frei Rodrigo Encarnação mandou fazer a empena do frontispício da igreja, assentou coro e ladrilhou várias dependências
1647	Abertura da Igreja ao culto. Fundação da Capela do Santo Cristo encimada pelas armas de L. Guilherme Logier K., casado com Dona Francisca de Lima Abreu, em 1638
1676	Elevação dos muros
1688-1692	Frei António da Madre de Deus mandou construir os 3 retábulos do altar-mor e dois colaterais. No final deste ano, há registos de que o edifício tem a frente com cerca de 15 metros e 3 pisos.
1694	Douramento das talhas, no priorado de Frei António do Santíssimo Sacramento. Aprovação dos alçados do claustro.
1705, 28 de Outubro	Os religiosos pedem autorização à Câmara para canalizarem água para o mosteiro
1712	Datas da Torre e do Adro
1713	Abertura de fontanário público
1717	Colocação solene do trono no retábulo-mor
1725, 9 de Julho	Frei Pedro da Conceição fez uma planta para acrescentar o refeitório, lavandaria, cozinha, casa do peixe, despensa e enfermaria, no primeiro piso, e, no segundo, uma varanda e a casa do ofício humilde. O mesmo executou desenho para o arco da rua e para a Fonte Nova
1740- 1758	O Papa Bento XIV autorizou a exposição do Santíssimo durante os três dias que antecediam a Quarta-Feira de Cinzas
1761, 2 de Agosto	Ajuste da obra do dormitório pelo pedreiro Geraldo Fernandes de Sobreira, da freguesia de Gontinhães, Caminha, por 1:270\$000
1805	Data do atual claustro com 48 sepulturas, tendo o antigo 12 sepulturas da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, 14 dos religiosos e outras particulares, num total de 56; nesta mesma data, existiam 44 sepulturas no cruzeiro do transepto
1834	Com a extinção das ordens religiosas, o convento foi confiscado e os carmelitas dispersos; em termos de avaliação, o convento (obra de pedraria e carpintaria) foi avaliado em 7:000\$000, a cerca com hortas, vinha, laranjal, árvores de fruto e vários tanques de rega, em 800\$000, um campo com mato e pinheiros, situado no Lugar da Abelheira, no arrabalde da vila, que partia com a mata de Santo António, 70\$000; a Botica foi comprada por Francisco da Costa Pimenta, por 100\$000
1836, Agosto	A Igreja foi concedida à Confraria de Nossa Senhora do Carmo; a cerca e a água foram vendidas ao Visconde de Porto Covo da Bandeira e as dependências conventuais foram cedidas ao Asilo da Mendicidade
1857	Igreja passa para a Ordem Terceira do Carmo
1860	Adro que vedava a igreja foi demolido devido a urbanização
Séc. XX (1ª metade)	Segundo imagem antiga do convento, mostra os corpos adossados à fachada lateral esquerda, com a varanda alpendrada, sustentada por colunas toscanas e corpo de dois pisos, rasgado por janelas rectilíneas; execução de uma imagem de São João da Cruz pelo imaginário de Braga, J. Vieira da Fonseca, da Casa da Arte Cristã, instalada na Rua do Souto, n.º 38-40 e do relógio pela oficina de Jerónimo de Braga

1904-10	Uma pequena parte foi ocupada pelas oficinas de São José a cargo dos Salesianos; posteriormente foram vendidas várias vezes
1932-1953	Instalação do Seminário
1952, 1 de Maio	Data no órgão pode indiciar uma intervenção de José de Brito
1951-1956	Ampliação das instalações

Fonte: Elaboração própria com base na informação existente no SIPA

Fonte do Convento de Nossa Senhora do Carmo que, desde 1949, se encontra nas traseiras da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Santa Luzia). Fotografia aérea do princípio do século XX em que se nota o aqueduto que trazia água para o Convento, profundamente alterado com a urbanização contemporânea.

Bibliografia:

CALDAS, João Vieira, GOMES, Paulo Varela (1990). Viana do Castelo, Lisboa: Presença; COUTINHO, Artur (1986). A Cidade de Viana no Passado e no Presente (da Bandeira à Abelheira), Viana do Castelo; FERNANDES, Filipe (1958). Fundação do Convento do Carmo e Construção da Igreja in Cadernos Vianenses, vol.

1, Viana do Castelo, pp. 74 – 83; FERNANDES, Francisco José Carneiro (1990). Viana Monumental e Artística, Viana do Castelo: Estaleiros Navais; GUERRA, Luís de Figueiredo da (1977). Esboço Histórico. Viana do Castelo, Coimbra: Edição da Universidade; REIS, António Matos (1995). Caminhos da História da Arte no Noroeste de Portugal no Primeiro quartel do séc. XVIII, Cadernos Vianenses, tomo 19, Viana do Castelo, pp. 155 – 200; SOROMENHO, Miguel Conceição Silva (1991). Manuel Pinto de Vilalobos da engenharia militar à arquitectura (dissertação de mestrado em História da Arte Moderna), UNL, Lisboa.

Outras Fontes: Direção Geral do Património Cultural (Inventário do Património Classificado) e SIPA – http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx

A MAIS VALIA DO ARQUIVO DO CONVENTO DO CARMO PARA A CIDADE DE VIANA DO CASTELO

Maria Clotilde de Mendonça Amaral
Diretora do Arquivo Distrital de Viana do Castelo

Escrever sobre a importância de um arquivo parece, à partida, quase redundante... um arquivo reflete a vida da entidade que o produz, o que significa que por si só é essencial como garante da memória do seu produtor. Se se quer saber a sua história mas também o seu presente, há que se socorrer dos documentos!

Partindo desta premissa, a importância do arquivo do Convento do Carmo para Viana do Castelo será sempre proporcional à ação que o referido Convento exerceu na cidade. Se essa influência for grande (e sabemos que no caso em apreço o foi, não apenas ao nível espiritual, mas também educacional, artístico ou ainda urbanístico!) ela estará necessariamente refletida na informação constante do seu acervo arquivístico.

Experimentemos entrar na sala do Convento, onde se encontram religiosamente guardados alguns destes documentos, para podermos testemunhar e avaliar a riqueza da informação que contêm.

Começemos por folhear o chamado “Livro do Bezerra”, cujo nome se deve à encadernação feita da pele daquele animal. Nele podemos encontrar relatados todos os factos importantes da vida conventual dos anos de 1636 a 1834. Uma chamada de atenção para a identificação das obras efetuadas no edifício, de quadros e imagens adquiridos, de compras de terrenos, de livros ou até mesmo

de vinho, informações que certamente deliciam qualquer historiador ou investigador que a elas aceda.

Mas não se julgue que o arquivo se resume a um livro, onde estariam compiladas as crónicas da fundação do Convento. Em Viana do Castelo permanece muita outra informação essencial para o estudo tanto da Ordem dos Carmelitas Descalços, como do meio onde se insere e atua.

O que dizer dos outros livros das crónicas que existem desde 1980 ou dos livros de atas que relatam a atividade e decisões tomadas entre os anos de 1944 e a atualidade? Ninguém duvida que sejam documentos incontornáveis para quem necessite de estudar a Ordem, mas também o meio envolvente.

Também de informação relevante para a memória histórica é o *Livro das visitas provinciais*, onde constam as recomendações sobre a vida dos religiosos (inclusive sobre a organização do arquivo), mas também os compromissos apostólicos “fora da Casa”.

Para quem tem interesse pela história económica o arquivo dispõe de livros que descrevem as receitas e despesas efetuadas no Convento desde o mês de junho de 1932. Através deles podemos ficar a saber as fontes de receita que permitiam o sustento dos frades, como o dinheiro cobrado por sermões, aquele que era recebido

através de peditórios efetuados e das esmolas recebidas. Simultaneamente, dão-nos conta dos gastos da comunidade, entre os quais se podem enumerar, a título de exemplo as despesas com o carpinteiro, com a costureira ou com os pobres, a aquisição de telhas ou de produtos para a cozinha, ou ainda com viagens efetuadas ou com os defuntos da Ordem.

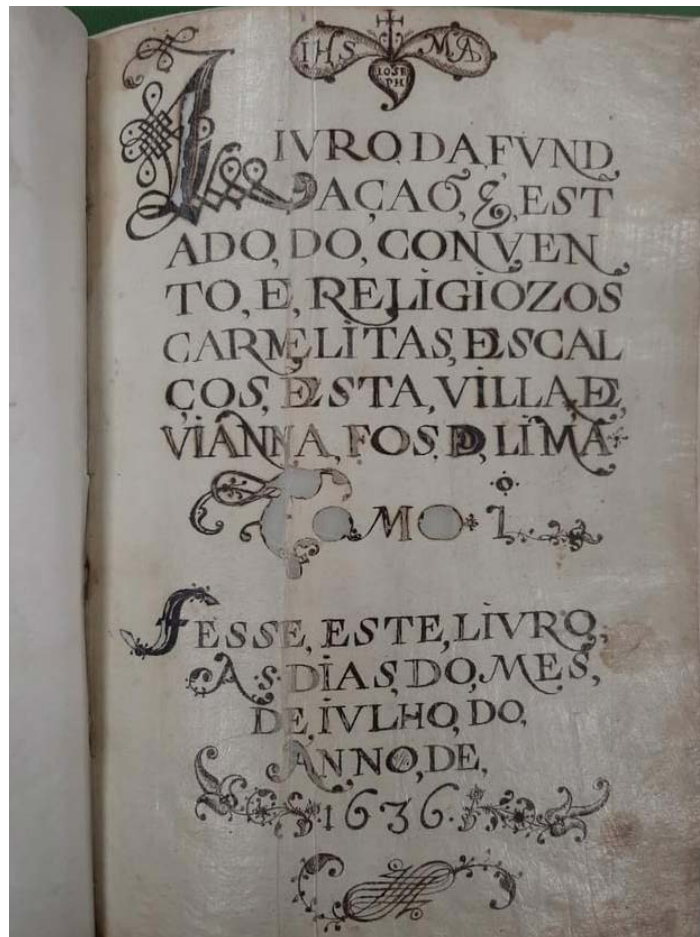
Memórias fotográficas? Sim, o acervo do Convento dispõe de alguns álbuns com fotografias, datando as mais antigas do ano de 1930. Ilustram o edifício e as diversas fases pelas quais passou, mas também as atividades e eventos da comunidade, estando nelas retratadas não apenas os religiosos, mas muitas outras pessoas ligadas aos Carmelitas.

As recentes obras da igreja também se encontram documentadas num processo, bastante completo, do qual constam alvarás, correspondência, diagnósticos e propostas de tratamento, fotografias e propostas de orçamentos. Datam estes documentos dos anos de 1997 a 2000.

E se, por outro lado, quisermos saber por quem foram celebradas missas na ocasião do falecimento ou quem fez a Comunhão no Santuário ou quem está sepultado na igreja, claustro ou convento? O arquivo dá-nos a informação de que necessitamos se compulsarmos algum dos sete “Livros das Missas de Viana do Castelo” para o primeiro caso ou o “Livro da receita e despesa dos anos de 1933 a 1937” para o segundo caso. Já as sepulturas podem ser consultadas no “Livro das sepulturas da capela-mor, igreja e claustro do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Viana”, embora o livro disponível no arquivo do Convento abarque apenas os anos de 1819 a 1833.

A este propósito, diga-se que o acervo atualmente guardado no Convento do Carmo de Viana não está completo. Existe documentação dispersa, quer porque as Constituições a isso obrigam, como é o caso das “Patentes” ou dos documentos de receita e despesa que se encontram na Cúria Provincial, quer porque, atendendo a circunstâncias políticas, alguém a retirou da origem e a levou para outros locais/entidades. Exemplo disso é a documentação que se encontra à guarda do Arquivo Distrital de Braga ou da Torre do Tombo.

Além disso, tal como uma pessoa, uma entidade vive também das suas relações. Ora assim sendo, qualquer entidade, pública ou privada, que se tenha relacionado



com o Convento do Carmo terá também testemunhos dessas mesmas relações. A título de exemplo, citemos o caso do Município de Viana do Castelo ou o da Direção Geral de Obras Públicas (esta última incorporada no Arquivo Distrital de Viana do Castelo) em cujos arquivos se pode encontrar documentação complementar da que permanece no edifício original.

Em conclusão, não parecem restar dúvidas de que o arquivo do Convento do Carmo de Viana do Castelo é uma mais valia para o conhecimento não apenas da ordem religiosa que o administra, mas vai muito além disso. Testemunha também as suas relações com o meio envolvente, contribuindo de forma efetiva para o estudo da história social, económica, das mentalidades, urbanismo, arte e arquitetura, entre outras áreas do saber.

O CONVENTO DO CARMO E OS CAMINHOS DE SANTIAGO

Alberto Barbosa

*Presidente da Associação dos Caminhos de Santiago de Viana do Castelo
Comunidade do Carmo de Viana do Castelo*

Sempre considerei o Caminho de Santiago um espaço privilegiado onde se sente a hospitalidade cristã. Já ouvi inúmeros peregrinos, comentarem que no Caminho, todos são irmãos e todos são iguais. Nesta rota histórica, que já foi atravessada por milhões de pés, existe uma espiritualidade, que não é igual à espiritualidade de outros tempos remotos, mas é com certeza uma espi-

ritualidade que tem a sua raiz no Cristianismo. O Papa Francisco, na carta encíclica *Fratelli Tutti*, diz-nos:

“*Fratelli Tutti*” escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho.

Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si”. Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade

aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita.”

Lembro, que São Francisco de Assis, é um santo com quase tantos anos como o Caminho – 800 anos.

Esta fraternidade é o que caracteriza o Caminho e que o torna tão especial e único.

A boa hora, a Ordem Carmelita de Viana do Castelo, decidiu abrir nesta cidade um albergue de peregrinos. Ao longo do Caminho, já não existem, como no passado, conventos para os peregrinos pernoitarem. Na época medieval, as rotas em direção a Santiago, eram definidas em parte, tendo em atenção onde se localizavam os conventos para aí se pernoitar e restabelecer as forças.

Frei João Costa, no dia 14 de Dezembro de 2010, inaugura aquele que será a partir de então, o Albergue de São João da Cruz dos Caminhos. Esta decisão de criar este espaço de acolhimento, deveu-se ao facto, de tantos peregrinos naquela época se dirigirem ao Convento do Carmo a pedir guarida. Com esta decisão, algo de novo começou a encher os claustros desta comunidade carmelita. Em pouco tempo, começou a ver-se homens e mulheres de tantas outras nacionalidades e de tão variadas idades. As paredes do convento, habituadas ao castanho dos hábitos carmelitas, começaram a ver desfilar tantas cores coloridas e florescentes que caracterizam os peregrinos de hoje. Mas, neste colorido fraterno, há alguém que se sentiu especialmente feliz, pois ele próprio continha em si um coração imensamente acolhedor e universal, o já falecido sr. Barroso, o porteiro do Carmo de Viana. Era enternecedor ver como o sr. Barroso, sem compreender a maioria das vezes o idioma do peregrino que acolhia, era tão hospitaleiro, tão cuidadoso e tão solícito. Como diria São João da Cruz “o amor não cansa nem se cansa”. Tornou-se a alma do albergue, sendo uma inspiração tanto para os peregrinos, assim como, para os voluntários hospitaleiros.

O grupo voluntário de hospitaleiros, também teve a sua importância na sustentabilidade do albergue e na afirmação de uma hospitalidade cristã. Foi numa primeira fase a Verónica Parente que organizou estes voluntários. Este grupo era constituído maioritariamente, por pessoas que habitualmente faziam o Caminho. Consideravam que nesta forma de voluntariado, sentiam-se como estando mensalmente em Caminho. Recordo-me especialmente do casal hospitaleiro Albino e Josefina, que acolhiam sempre os peregrinos com um chá à chegada e um “docinho”. Muitas vezes, vi este casal à espera dos peregrinos no final da ponte Eifel para os acolher e levar até ao albergue.

Também fui hospitaleiro no albergue, e confesso que foi mais o que recebi do que aquilo que dei, muitas vezes saía de lá com a sensação que tinha acolhido “anjos” e relembrando as palavras de São Paulo ao Hebreus que nos alerta: “ Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber hospedaram anjos” (Hebreus 13:2)

Muitas outras pessoas contribuíram imensamente para que o albergue continuasse a existir até aos dias de hoje. O sr. Ricardo Igreja que substituiu o sr. Barroso, e todas as outras pessoas contratadas pelo convento e



responsáveis pela sua manutenção, também tem o seu papel na história deste espaço de fraternidade.

Estamos em 2021, a começar a viver o que será um pós-pandemia covid 19, muitos espaços de acolhimento

aos peregrinos tiveram que se transformar. O Caminho nestes dois últimos anos foi diferente. O albergue de São da Cruz dos Caminhos, também se renovou, pela mão do Frei Marco. Está preparado para uma melhor hospitalidade. Que este espaço continue a ser um local que realce aos peregrinos a raiz cristã do Caminho de Santiago.

Termino este texto, como comecei, com uma palavra retirada da encíclica *fratelli tutti* onde o papa Francisco nos

diz: “Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”

Bom Caminho

APONTAMENTO SOBRE O CARMO

Maria Donzília Rocha e Felisberto Eira
Paróquia de Nossa Senhora de Fátima

Regressados de Moçambique, em março de 1976 viemos para Viana do Castelo, cidade que só conhecíamos geograficamente.

Fixámos residência no Cais Novo, Darque. Passámos a frequentar e colaborar na Capela do Centro Pastoral Paulo VI.

Só esporadicamente é que frequentávamos a “Igreja do Carmo”: Eucaristia ou Sacramento da Reconciliação.

No final de 1980 mudámos a nossa residência para a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Aí passámos a colaborar mais diretamente nas atividades paroquiais e a ter um contacto mais próximo com a “Igreja do Carmo”.

Com o nosso envolvimento no CPM, e especialmente nas ENS (Equipas de Nossa Senhora), a nossa relação com essa Comunidade passou a ser mais frequente, criando-se mesmo laços de amizade com alguns elementos da mesma. Aí encontramos a prestimosa colaboração de vários sacerdotes, como CE (Conselheiros Espirituais) das ENS. E lembramos o P. António Fernando Reis, o P. João Costa, o P. Joaquim Maciel, o P. Agostinho Castro, o P. Carlos Gonçalves, o P. Manuel Dias Costa, o P. Vasco Nuno Costa, o P. José Vieira, Mas a nossa relação com a Comunidade do Carmo não se limitou aos sacerdotes com uma ligação próxima aos Movimentos da Pastoral Familiar, e temos bem presentes os Padres António Caetano, o P. José Tomás, e, mais recentemente, o P. Silvino Filipe e P. Marco Paulo. Com todos tivemos sempre uma relação de simpatia e apreço. Disponibilizámo-nos, sempre que nos foi solicitado e conforme a nossa disponibilidade, a colaborar nas atividades religiosas, principalmente na missão de Leitores em algumas Eucaristias, colaboração que continuamos a prestar regularmente. Referimos apenas os sacerdotes com os quais estabelecemos alguma relação, mesmo que de simples amizade e simpatia, já que outros fizeram parte, por certo, desta comunidade neste período. Durante o nosso envolvimento nos Movimentos



da Pastoral Familiar, principalmente ENS, solicitámos, por diversas vezes, a cedência de espaços para alguns encontros, os quais nos foram sempre pronta e generosamente dispensados. Grande é, pois, a nossa gratidão.

Estando o Convento do Carmo integrado na área da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, merece especial referência o valioso contributo que os sacerdotes dessa Comunidade prestaram, e continuam a prestar em muitos momentos, à comunidade paroquial. De registar a celebração da Eucaristia, “sermões” em diversas solenidades, colaboração na Visita Pascal, participação em diversas solenidades e festividades paroquiais, etc.

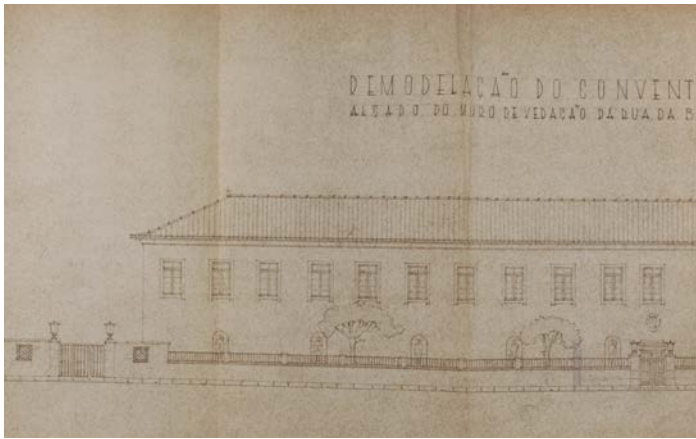
O Convento do Carmo, ou mais vulgarmente Seminário do Carmo, tem uma longa tradição nesta cidade de Viana. É mesmo um “marco”, uma referência, na história da cidade. Ali se dirigem todos quantos se sentem necessitados do Sacramento da Reconciliação, de acompanhamento espiritual e mesmo psicológico. Espiritual, cultural e historicamente falando, o “Carmo” é uma estrutura a que a cidade de Viana do Castelo estará eternamente grata.

OBRAS NO CARMO NOS ANOS 50

Nuno Matos, Susana Branco e Lurdes Iglesias
Colaboradores no Arquivo Distrital de Viana do Castelo

Em 1616 o Capítulo Provincial Carmelita, reunido em Lisboa, decidiu fundar um convento da ordem em

Viana da Foz do Lima. No ano de 1621, no local designado por sítio dos Mendonças, iniciavam-se as obras de



construção. Em 1625 os religiosos da Ordem dos Carmelitas Descalços mudavam-se para o convento, tendo a sua igreja sido aberta ao culto no ano de 1647. Naquele espaço, no primeiro quartel do século XVII ensinava-se Teologia Moral tendo, mais tarde, vindo a funcionar um Colégio de Coristas.

Em 1834, após a extinção das ordens religiosas, o convento foi confiscado e a comunidade dispersa. Em 1836 a igreja foi cedida à Confraria de Nossa Senhora do Carmo, enquanto as dependências conventuais foram adquiridas pelo Visconde de Porto Côvo. Em 1857 a igreja passou para a tutela da Ordem Terceira do Carmo.

Os Carmelitas Descalços voltam a Viana do Castelo, ao convento do Carmo, na década de 30 do século XX. A 7 de julho de 1932 o Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos, concedia a autorização para o estabelecimento da Ordem do Carmo em Viana do Castelo, autorização confirmada em 22 de abril de 1949 pelo seu sucessor, D. António Martins Júnior, sendo aprovada a fundação da nova casa a 23 de Junho de 1950. O padre José Manharicua, vindo de Elvas, passa a ser o responsável pela nova casa que se instala numa das alas do convento contígua à igreja, ficando o resto do edifício devoluto e pouco mais que em ruínas. Em 1949 aquele responsável consegue comprar alguns terrenos contíguos pertença da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo, bem como algumas ruínas e terrenos adjacentes que pertenciam à Câmara Municipal.

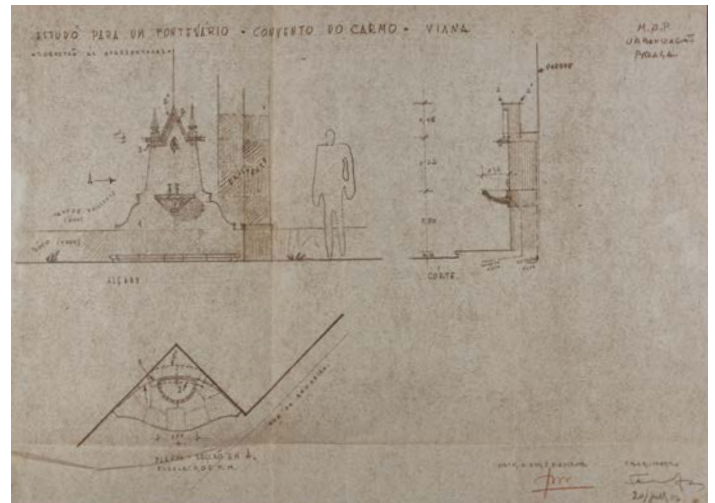
Com a necessidade de reconstrução do convento para a constituição do seminário foi preciso apelar à ajuda do Estado. O pedido de comparticipação para o restauro do convento do Carmo foi feito em 1950 pela comunidade dos Padres Carmelitas da Igreja do Carmo de Viana do Castelo, sendo que, em 1955 surge o pedido para a "2ª fase" onde se pretendia a ampliação do edifício do Seminário do Carmo e de outras valências. As obras começaram em março de 1951.

Pela sua importância iremos transcrever a Memória Descritiva e Justificativa junto ao processo inicial de 1950, relativo ao restauro do edifício do Convento do Carmo.

MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Refere-se o presente projecto à readaptação da parte incendiada e destruída do antigo Convento do Carmo a um Colégio da mesma Ordem Religiosa.

Mesmo à entrada de Viana do Castelo oferece-se ao visitante há tantos anos o aspecto desagradável de umas



ruínas que já há muito se deviam ter feito desaparecer, mas muito mais agora que lhe foi construído mesmo em frente e paralelamente o Edifício de 8 salas masculinas dum Escola Primária que se por um lado encobre um pouco o aspecto vergonhoso que apresentam as ruínas, por outro lado mais a fazem realçar pelo contraste.

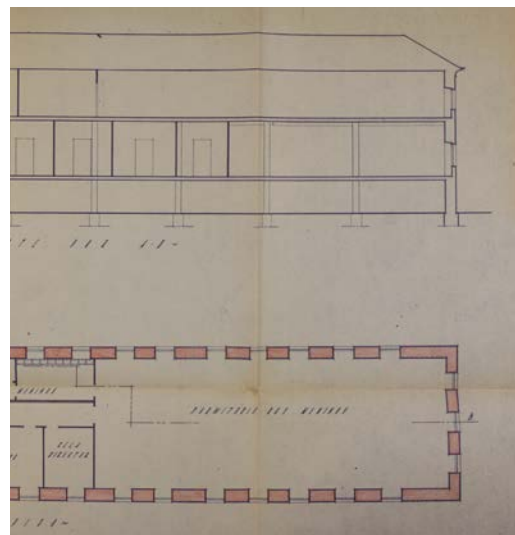
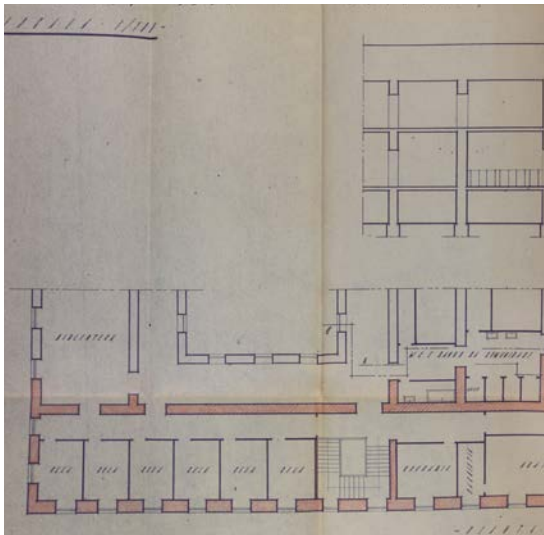
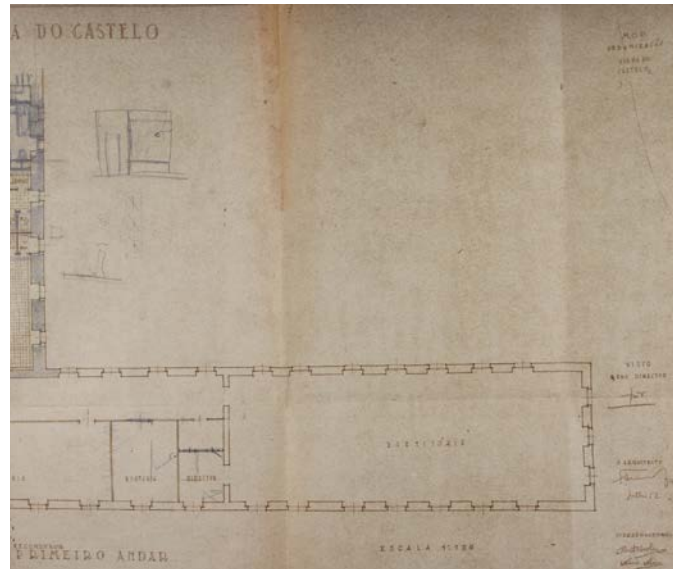
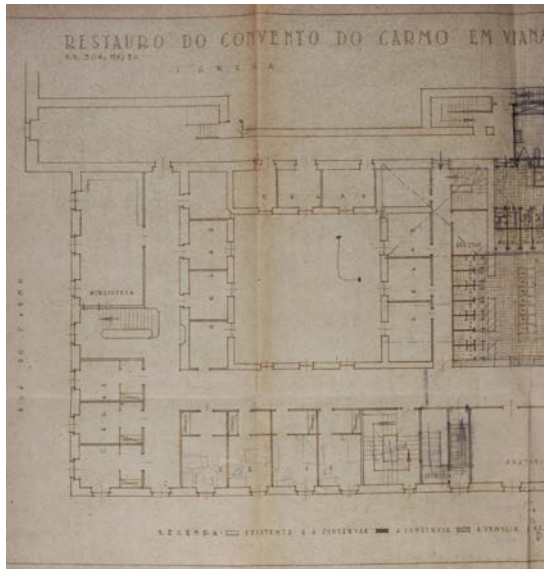
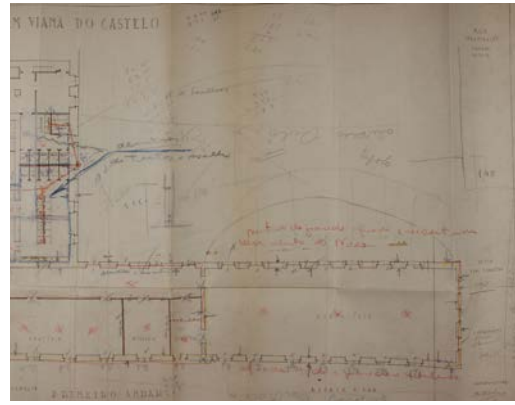
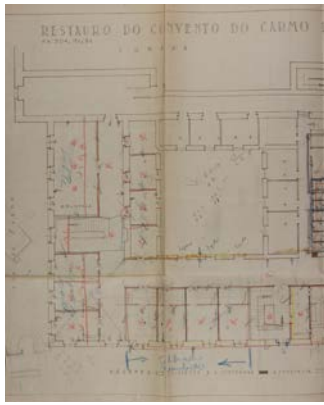
É indiscutível que sob o ponto de vista urbanístico deve haver o maior interesse em fazer desaparecer essas ruínas e muito mais tendo sido restituídas aos seus antigos donos que lhes desejam dar um destino adequado à sua missão.

Projectou-se esta obra dentro da máxima economia conforme nos foi imposto mas sem deixar de atender às condições indispensáveis de higiene e salubridade.

Sob o ponto de vista arquitectónico, seguimos as directrizes que nos foram impostas e para fazer o máximo de aproveitamento do existente mantêm-se sem alterações a fachada do Edifício viradas à rua do Carmo pois não só se encontra essa fachada, que foi da antiga Escola Primária, em bom estado de conservação como o seu aspecto é de manter por não destoar das construções vizinhas.

Nas fachadas Norte e Sul, esta virada à nova Escola Primária, o aspecto é da maior simplicidade não só para manter o mesmo carácter do primitivo edifício como por uma razão de economia afim de poder aproveitar as mesmas cantarias dos vãos apenas com reaparelhamento e com o mínimo de emprego de pedra nova.

No Edifício da antiga Escola Primária terá que se fazer interiormente a reparação completa de soalhos, divisórias, rebocos e tectos que se encontravam completo estado de ruína e por forma também a dar uma nova



arrumação aos serviços que ali vão ser instalados e que serão no rés-do-chão, cozinha, refeitório da comunidade e sala de receber e no 1º andar, celas e biblioteca.

Na parte arruinada terão que se apelar e refazer as paredes pois não se encontram em estado de merecer confiança o seu aproveitamento com uma simples reparação. As argamassas de barro com que estas paredes estão executadas encontram-se completamente deterioradas tendo já sofrido alguns desabamentos e outras paredes pela sua inclinação e encurvamento mostram bem o estado precário de equilíbrio em que se encontram.

Nesta parte do edifício contou-se pois com a demolição e reconstrução total das paredes aproveitando a pedra em parte para nova elevação.

As cantarias serão igualmente aproveitadas apenas com o reaparelhamento necessário.

No rés-do-chão desta parte de edifício, que é propriamente aquele que se destina a Colégio Missionário, são instalados os serviços de, refeitório para meninos, aposento do director, aulas, salão de estudo e instalações sanitárias.

Nesta parte do edifício fazem-se 6 colunas de betão armado sobre as quais se corre uma viga contínua de betão armado destinada a suportar o vigeamento e soa-lhos e as divisórias a construir no 1º andar.

No 1º andar são instaladas as celas, rouparia, sacristia, oratório dos meninos, cela do director, dormitório dos meninos sanitários dos meninos e da comunidade.

As caixilharias exteriores serão em castanho e as interiores bem como os vigamentos e soalhos em pinho nacional.

As divisórias serão de taipa em vista da dificuldade de correspondência de andar para andar.

As instalações sanitárias serão executadas de acordo com as determinações do Regulamento de Salubridade Urbana.

A sua ligação geral é feita ao colector de esgoto que passa na rua do Carmo, com a execução de caixas necessárias.

O pedido de 1950 resultou nas obras inauguradas a 3 de janeiro de 1954. Orçamentadas em 880 000\$00 foram comparticipadas pelo Fundo de Desemprego no valor de 264 000\$00. Nestas obras, o Convento foi reconstruído na sua área primitiva tendo-se verificado, logo no seu primeiro ano de funcionamento, a insuficiência das instalações para a procura por parte dos alunos que o queriam frequentar.

Em 1955, os Padres Carmelitas da Igreja do Carmo de Viana do Castelo voltam a solicitar a ajuda do Estado para concluir aquilo a que designaram como 2º fase do projeto. Pretendiam ampliar o edifício do Seminário do Carmo por ser, como já referido anteriormente, insuficiente para comportar os alunos que aumentavam de ano para ano. Para isso necessitavam aumentar a superfície do refeitório, do dormitório, do salão de estudo e aulas. Tinham, também, como pretensão a construção de um salão de festas assim como habitações de alojamento para as famílias “*que de longe vêm visitar os alunos e que frequentemente têm de ficar de um dia para o outro, não estando, na sua maioria, em condições de poder pagar um quarto de hotel ou pensão*”. Estas obras seriam aproveitadas para a construção de uma vedação definitiva junto à rua da Bandeira bem como para demolir uma parede da igreja por se considerar “imprópria do edifício”.

O processo de obras está dividido em 2 volumes, 1950 e 1955, fazendo parte do fundo da Direção de Urbanização de Viana do Castelo presente no Arquivo Distrital de Viana do Castelo (Código de Referência: PT/ADVCT/DURBVCT/001/00917 com a Cota 1.51.7.5-1).

OS ESTUDOS NO COLÉGIO DO CONVENTO DO CARMO DE VIANA

Marta Miranda

Estagiária do curso de serviços educativos e património local – IPVC

Como seria um colégio Carmelitano? Pequeno. O ano letivo começava sempre a 30 de setembro. O número de alunos, devia ser pequeno, por colégio, por volta de quinze ou, por vezes, um pouco mais e os alunos eram admitidos por voto secreto, depois de ser avaliado o seu mérito e depois de transcorrer um ano de professo e eram eleitos os mais capazes. “*Segundo os costumes de então, os noviços mantinham o isolamento absoluto do mundo, e cumprindo o ano completo de noviciado, os destinados a coristas, eram admitidos à fraternidade carme-*

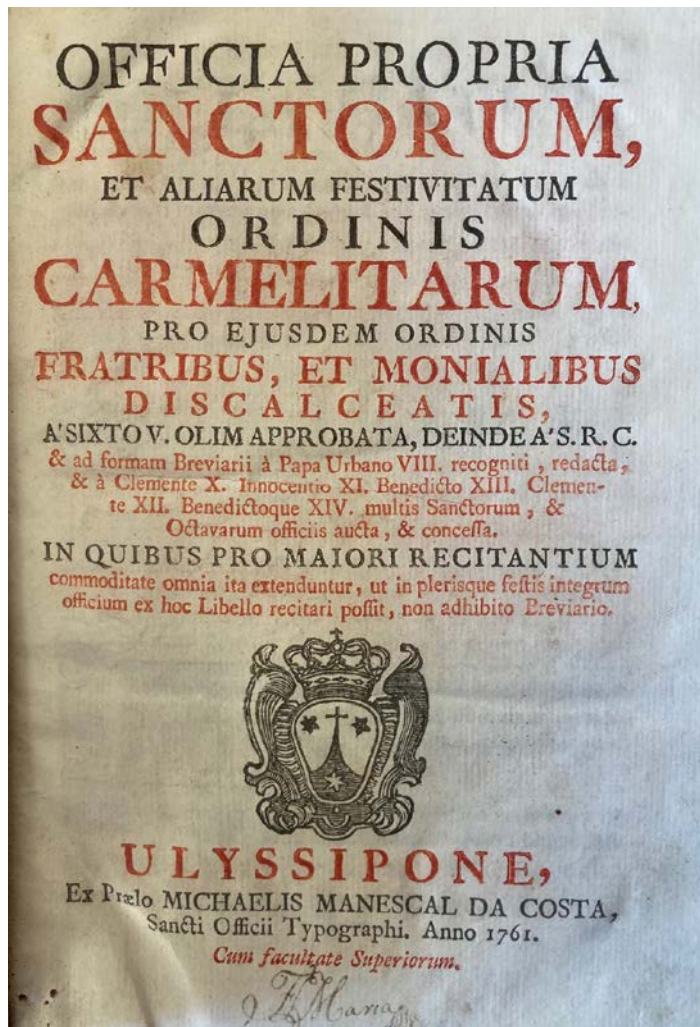
lita e emitiam profissão. Feita profissão, o recém-professo podia permanecer um tempo na mesma casa de noviciado e sob a direção do mesmo magister, é um prolongamento do noviciado, o tempo de duração deste tempo sóia ser de seis meses a um ano.”¹

A Constituição da Ordem exigia vida comum permanentemente *intra clausura*, como mencionei na citação anterior, contudo, apesar das saídas não estarem previstas, pois os colegiais eram todos internos, podiam sair para assistir a “atos teológicos”, mas saíam somente seis alunos. Os alunos também eram proibidos de se ocuparem com as tarefas domésticas, pois impediam a dedicação ao estudo. Havia um horário a cumprir, não somente nos colégios em Portugal, como em todos os colégios da Ordem Carmelita:

05:00h	Oração Matinal
06:00h	Quatro Horas Menores Laudes
07:00h	Missa (apenas cantada aos domingos e festas)
	Pequeno-almoço
08:00h	Lição Matutina
11:00h	Almoço
14:00h	Vésperas
15:00h	Lição vespertina
17:00h	Oração mental
18:00h	Jantar
	Completas duas horas de estudo pessoal
21:00h	Matinas



¹ O Corista.



Descanço

Em maio de 1618, data em que é celebrado o Capítulo Provincial, em Lisboa, foi aprovada a fundação do Convento do Carmo em Viana, onde havia uma grande devoção à Senhora do Carmo.

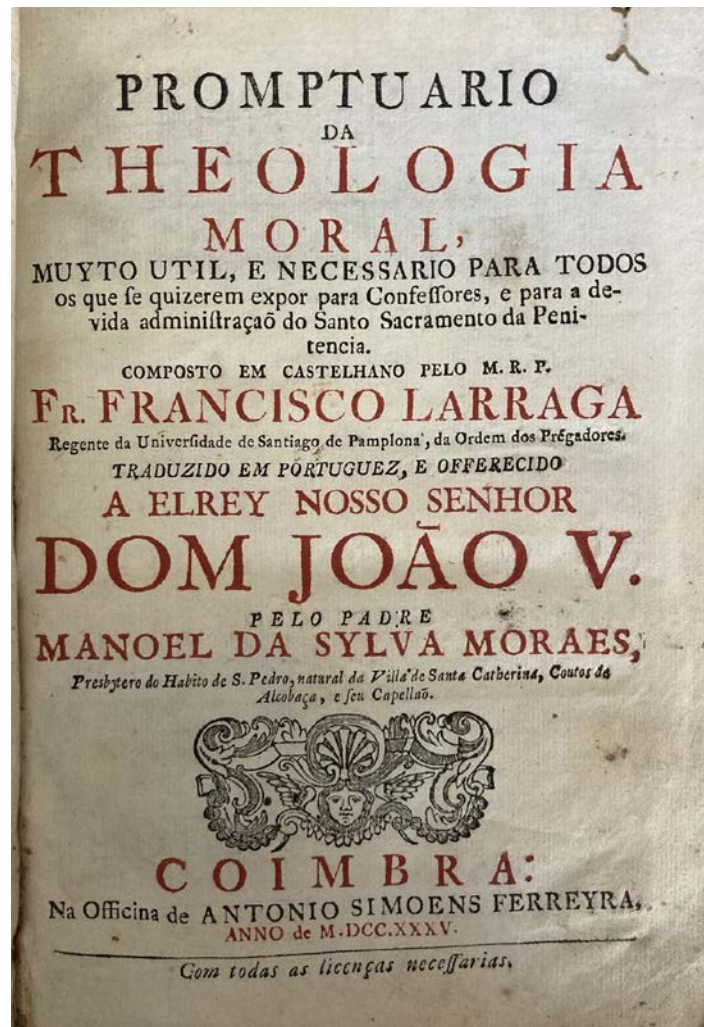
O Convento da Nossa Senhora do Carmo foi construído no segundo decénio do século XVII, e pertencente à Ordem dos Carmelitas Descalços, não foi somente um convento. O mesmo foi, também, um colégio onde se ensinava teologia moral desde “outubro de 1620, sendo 30 os estudantes carmelitas que cursavam esta disciplina em 1722.”²

Poucos foram os Carmelitas que tinham um grau de instrução maior, que iam para a universidade, pois, naquela época, somente os escritores e futuros professores dos colégios carmelitas podiam prosseguir estudos, porque alguns jovens alunos religiosos faziam-se de “rebeldes e indisciplinados” e negavam obediência aos seus superiores.

Contudo, os alunos que assistiam às aulas que eram dadas pelos doutores nas universidades, “deixaram-se conquistar pela modéstia e compostura dos Carmelitas Descalços” e, juntamente com os Carmelitas, pediram para haver uma reforma das leis que proibiam a maior parte deles de estudar nas universidades, de ter um grau

² Do Coração de Jesus, David (1962).

³ De Santa Ana, Belchior (1657).



académico mais alto. Com o aumento do número de aspirantes à vida carmelitana e teresiana, o que levaria a que realmente houvesse uma reforma das leis antes impostas, foi necessário fundar colégios para os instruir da melhor maneira e a mais correta.

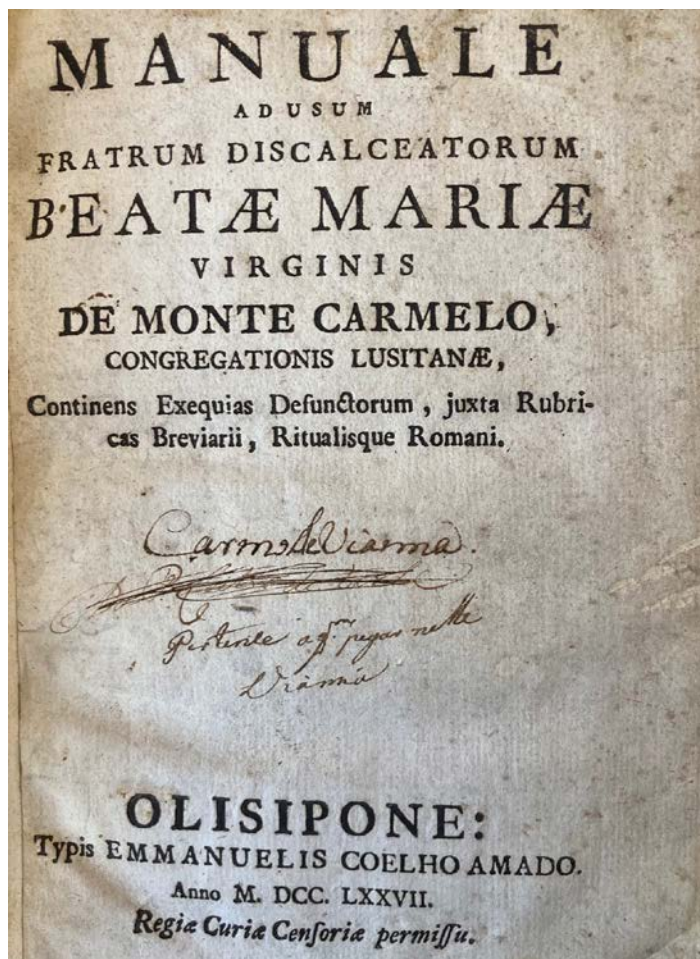
“Tudo está previsto nestas Constituições para um perfeito regime de estudos: Colégios situados em lugares apropriados; estudantes dotados de virtude e capacidades que sejam uma garantia de aproveitamento; leitores competentes que se distingam pela pureza da sua doutrina e santidade de vida e que exijam aos estudantes trabalho pessoal e assistência às aulas, teses ou conclusões, e outros exercícios que, para utilidade comum não-se acostumado na toda bem organizada Casa de Estudos (...)”³

Com a ereção dos colégios, reformularam-se as leis e os religiosos puderam, finalmente, ir às universidades públicas ouvir as aulas dos doutores.

Passados cinco anos desde o ano de 1722, o convento de Viana passou a ser um Colégio de Coristas. Um corista é um jovem frade orientado para receber as ordens sacras.

Existiam colégios de artes onde se estudava filosofia, de Teologia da Ordem, que fora criado no ano de 1581, e de Moral, que fora o último a ser criado.

O colégio do Convento do Carmo ficou conhecido por aqui se estudar teologia moral, como disse anterior-



mente. "O regime do curso de Moral era semelhante aos demais, mas tratava-se, sobretudo, de resolver casos em aula. Em primeiro lugar, porém, o professor traçava a história da Moral e dava a conhecer as várias espécies: moral parenética, paradigmática, dogmática, escolástica e casuística. Dava-se atenção, antes que tudo, à moral evangélica, que entre outros objetivos, permitia instruir os pastores e ministros da Igreja sobre as regras da prudência cristã; e estabelecia-se a relação entre a moral e a mística, no que supunha de melhor conhecimento de si e dos meios para conhecer o bem. Só depois se estudavam os casos da moral em que, primeiro, o Leitor propunha o caso em forma de questão, depois fazia a análise do problema e, por último, dava a solução, com recurso a uma já antes assumida."

Neste mesmo colégio existe uma biblioteca onde é possível observar e ler vários livros sobre teologia moral e sobre outros temas, por exemplo, filosofia, "Philosophia Fundamental", história, "História da Reforma Protestante, em Inglaterra e Irlanda" e línguas "Diccionario Portuguez, e Latino".

⁴ Do Coração de Jesus, David (1962).

⁵ Do Coração de Jesus, David (1962).

CRÉDITOS

Adosinda Bacelar; Agostinho Castro, OCD; Albertina Vieites OCDS; Alberto Barbosa ; António Amaral; Carlos Gonçalves, OCD; David Domingues; Delfim Machado; Fátima Simões; Gabinete de Projectos do GAF (Nézé); Gonçalo Maia Marques; Lúcia Emília da Silva Carvalho; Lurdes Iglesias; Marco Caldas, OCD; Maria Clotilde de Mendonça Amaral; Maria Donzília Rocha e Felisberto Eira; Marta Miranda; Nuno Matos; Pedro Lourenço Ferreira, Provincial; Sebastião Pires Ferreira, Mons.; Susana Branco; Susana Fernandes; Fotos do arquivo conventual do Carmo de Viana e do Arquivo distrital de Viana do Castelo.

Estes livros comprovam que se estudavam línguas, nomeadamente, latim, mas também se estudava grego, que se estudava filosofia e história.

Todo este variado espólio permitia, aos alunos que ali estudavam, mais instrução, não só a nível religioso, como também na oratória, na escrita, no conhecimento da história e das línguas estrangeiras.

Ao longo dos anos, passaram por este colégio inúmeros alunos que escreveram livros essenciais para a ordem, para a igreja e para a sociedade, como por exemplo, "Compendio de Orthografia" do Frei Luis Monte Carmelo, deixando a sua marca, e que também lecionaram, ajudando a instruir os alunos mais jovens deste colégio e pessoas que não estudavam no mesmo.

Gloriosos foram estes anos em que a ordem, como já mencionei, ganhou a sua "liberdade instrucional" e se equalizou, a nível educacional às outras ordens existentes em Portugal, mas mantendo sempre a sua simplicidade e modesta forma de vida.

No entanto, tudo terminou aquando emitida a sentença de morte às Ordens Religiosas por Joaquim António de Aguiar. No dia 28 de maio de 1834, data que assinalou a exclausuração das ordens religiosas em Portugal.

«Certifico eu como pelo Doutor Corregedor interino desta comarca António José Barbosa Pereira, foram intimados o Ver. Prior e mais Religiosos do Convento de N.ª S.ª do Carmo desta vila de Viana, para imediatamente saírem do dito extinto convento em virtude do Decreto de 28 de maio do corrente ano e declararem para onde vão residir a fim de lhes passarem as competentes guias. (...)»⁴

O Convento do Carmo e o Colégio deixaram a sua marca tanto na cidade e arredores, como nos seus habitantes, sendo prestigiados pelos seus inúmeros feitos.

"A Descalcez soube prestigiar-se nesta cidade do Alto Minho e seus arredores, onde grangeou a estima e a veneração de todos pelas suas atividades ministeriais e culturais (...)»⁵

Bibliografia

Do Coração de Jesus, David (1962) – A Reforma Teresiana em Portugal. Lisboa: Oficinas de S. José,

De Santa Ana, Belchior (1657) – Crónica de Carmelitas Descalços Particular do Reino de Portugal, e Província de São Filipe. Lisboa: Oficina de Henrique Valente de Oliveira.

ÍNDICE

1. **A ORDEM DOS CARMELITAS DESCALÇOS
E OS 400 ANOS DA FUNDAÇÃO DO SEU CONVENTO**
Mons. Sebastião Pires Ferreira
2. **UM SONHO COM 400 ANOS**
Frei Pedro Lourenço Ferreira, OCD
3. **A VIDA REGULAR NO CARMO DE VIANA DO CASTELO**
Frei Agostinho Castro, OCD
4. **RECONSTRUINDO MEMÓRIAS DOS BELOS ANOS 60 A 80
NO SEMINÁRIO DO CARMO DE VIANA DO CASTELO**
Frei Carlos Gonçalves, OCD
5. **SOBRE A FUNDAÇÃO DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO, EM VIANA, “ILUSTRE VILA”**
Adosinda Bacelar
6. **O CONVENTO DO CARMO DE VIANA DO CASTELO
E O SEU AQUEDUTO**
Frei Marco Caldas OCD
7. **O ENGENHO DOS CONSTRUTORES**
Albertina Vieites OCDS
8. **RECORDAR E RECUPERAR PARA VALORIZAR**
Lúcia Emília da Silva Carvalho
9. **LEITURA ARQUITETÓNICA DO CONVENTO DO CARMO
DE VIANA DO CASTELO**
Susana Fernandes
10. **GESTOS E MOMENTOS QUE MARCAM**
Fátima Simões
11. **EXCERTO DA PEÇA DE TEATRO:
«A CIDADE DE VIANA E O CONVENTO DO CARMO»**
António Amaral
12. **A IMPORTÂNCIA DO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
COMO ELEMENTO DO PATRIMÓNIO LOCAL DE VIANA DO CASTELO**
Gonçalo Maia Marques
13. **A MAIS VALIA DO ARQUIVO DO CONVENTO DO CARMO PARA A CIDADE DE VIANA DO CASTELO**
Maria Clotilde de Mendonça Amaral
14. **O CONVENTO DO CARMO E OS CAMINHOS DE SANTIAGO**
Alberto Barbosa
15. **APONTAMENTO SOBRE O CARMO**
Maria Donzília Rocha e Felisberto Eira
16. **OBRAS NO CARMO NOS ANOS 50**
Nuno Matos, Susana Branco e Lurdes Iglesias
17. **OS ESTUDOS NO COLÉGIO DO CONVENTO DO CARMO DE VIANA**
Marta Miranda